ALMANAK
DAS
MUSAS.

NOVA COLLECÇÃO
DE
POESIAS,
OFFERECIDA
AO
GENIO PORTUGUEZ.
PARTE SEGUNDA.

LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
ANNO MDCCXCIII.
Com licença da Real Meza da Comissão Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Nem ſempre háo de occupar ſerios cuidados
Da noſſa vida os dias preſſuroſos
Hajáo tambem prazeres miſturados.

AOS FELIZES ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SR.
D. ANTONIO MARIA DE CASTELO-BRANCO
CORREA E CUNHA VASCONCELOS E SOUZA.

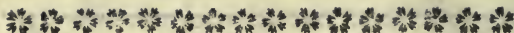
SONETO.

RAIVOZA contra a Fama, que voava
Deſte Dia o prazer annunciando,
Eu vi a torpe Inveja arremeçando,
As negras ſerpes, que nas máos truncava.

Entre os laſcados dentes retalháva
A venenoſa lingua rebramando;
E mil chamas azuis de quando, em quando,
Dos faſcinantes ólhos eſpalháva.

Eis niſto accezo raio crepitante
Lhe arremeça do Olimpo Jóve irádo,
E cahe no Averno o monſtro trepidante.

Sôa da Fama então o altivo brado:
,,Reſpeite o Mundo o dia almo, e brilhante,
,,De Aonio aos fauſtos Annos Conſagrado.

Por *Alcino Lisbonenſe.*

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO.

NEro de Herôes, de Herôe preclaro Filho,
A quem a ſórte ri propicia , e grata ,
Eſcuta a vôz,que alegre ſe dezata,
E ſegue em teu louvor hum novo trilho .

Náo pertendo illudirte : o falſo brilho
Da lizonja , que a tantos arrebata
Não prézo , da Virtude á força inanta
Só com juſto reſpeito he q̃ eu me humilho.

Se hoje louvo teu fauſto naſcimento
Não penſes que ólho a nobre gerarchia,
Olho ſim ao teu môr merecimento .

Hum ſabio o Ceo te dèo por Pai, por guia ,
Tu pois imitador do ſeu talento ;
Darás como elle gloria á Fidalguia .

Por *Albano Oliſiponenſe.*

SONETO.

JA' do Sol a cruel atra Inimiga
O manto luctuozo desdobráva,
E de espanto, e silencio rodeáva
O immenso rosto á Terra Madre antiga.

Das Aves a meliflua cantiga,
Qual na fresca manhã, não se escutava,
Só o lugubre Moxo a vôz soltava,
A triste vôz, das sombras sempre amiga.

Tudo era solidão, tudo negrume:
Então minh' alma de te ver saudoza,
Ergueo maviozo, languido queixume.

Implorava do Ceo a mão piedosa,
Porque longe de ti, meu bem, meu Nume,
Ser não póde a minh' alma venturosa.

Alb. Olisip.

SONETO.

ENTRE humas verdes balças escondido
Amor eu vi hum dia, a eburnea aljava
De aureas plumozas setas chêa estava,
Tinha na dextra o arco retorcido.

Que procuras aqui, ó Deos de Gnido?
Ao Cyprio Nume afoito eu perguntava;
E o Nume que por mim só esperava,
Desta arte me tornou enfurecido.

,, Vil Mortal,pois que ouzado a toda a hora
,, De mim fallas,sem medo,e sem respeito,
,, Quem he Cupido, saberás agora. ,,

Disse, e prompto me fere o brando Peito:
Desde entaõ por Alcina encantadora,
Aos tormentos de Amor vivo sujeito.

Alb. Olisip.

SONETO.

Os iscados anzoes ao Mar lançava
Huma vez, e outra vez Albano hum dia;
Mas ſempre inutilmente os recolhia,
Bem como inutilmente os mergulhava.

A ſua má fortuna lhe afaſtava
Pingue lanço, que a outros concedia;
Debalde votos mil ao Ceo fazia,
E as preces doloroſas duplicava.

Faltou-lhe emfim ao triſte o ſofrimento;
E arrancando hum gemido magoado
Os anzões arrojou ao ſalſo argento.

„ Naſci, bradou, proſcripto pelo Fado;
„ Só me falta dos zelos o tormento,
„ Para ſer o mortal mais diſgraçado.

Alb. Oliſip.

* * *

* *

*

O terno coração esperançoso.

SONETO.

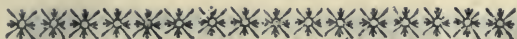
QUANDO junto de Alcina reclinado
O meigo, lindo gesto, observo, e admiro,
Hum suspiro amorozo, outro suspiro,
Vem saindo do Peito namorado.

Porém se longe della magoado
Da ventura me traz o incerto gíro,
A chorar os meus males me retiro,
Em sitio á minha dôr acomodado.

Assim da curta vida gasto os dias,
Hum hora alegre, outr' ora digostoso,
Já cantando, já chêo de agonias.

Oh effeito do amor mais extremoso!
Quem pudéra nutrir só de alegrias
O terno coração esperançoso.

Alb. Olisip.

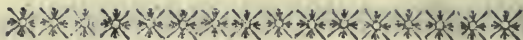
So-

SONETO.

DAs tranças do meu bem Amor urdia
Delicada prizão para prender-me ;
E ſeguro com ella de vencer-me
Para mim breves paſſos derigia.

Eu que o intento do Nume não previa
Incauto não cuidava em defender-me ;
E livre de receio o Peito inerme,
A' ſombra da Izenção em paz vivia.

Junto a mim ſe apreſenta o Nume alado ;
Neſta, me diz, prizão ſuave, e branda
Cumpre, Albano, que ſejas maniatado ;

Que ames Alcina bella, o Ceo te manda ;
E com ella ſerás afortunado,
Se fogires á vil traição nefanda.

Alb. Oliſip.

SONETO.

ANELADA porção d'aureos cabellos
Furtei, ſem ſer ſentido, á minh' amada,
E formando huma trança delicada
Fui ao Templo de Amor offerecélos.

Amor que os vio tão louros, e tão bellos,
Voltando a mim a face nacarada,
Deſt' arte proferio: Recompeſada
Seja a offerta, que eu devo aos teus diſvelos.

Conheço a primoroſa trança de ouro
Alcina, a meiga Alcina he pois aquella,
Que das Graças obteve eſſe theſouro.

Tu que accezo de amor, morres por ella,
Serás feliz; duraveis bens te agouro;
Diſſe:, e de roſas pôs-me huma Capella.

Alb. Oliſip.

SONETO.

POis reimas caro Anfrizo, que te diga,
A quem fiz ſacrificio da vontade;
Dizêlo quero emfim, porque a amizade
Dos noſſos corações a mais me obriga.

Minha Eſtrella propicia, e ſempre amiga,
Alcina me moſtrou, a Divindade
Deſtes Campos, e logo a liberdade
Se eſquecêo da izençáo, da paz antiga;

He pois Alcina aquella, a quem eu canto,
Aquella, a quem votei a fé mais pura,
E quem me faz verter ſaudoſo pranto.

Ah! ſe viſſes Anfrizo a formoſura
Daquella, que em minh' alma póde tanto;
Conhecêras entáo o que he ternura.

Alb. Oliſip.

Não acha no ſeu mal quem o conſole.

S o n e t o.

No seio de huma branca penedia,
Ermo azílo de rabidas ſerpentes
Suportando ſaudades mil vehementes
Albano paſſa a Noite, e paſſa o Dia.

Em vão alli da placida alegria
Tentára ver as faces refulgentes,
Que eſte ſitio vedado aos mais viventes
Só inſpira cruel melancolia.

Ali não ſe ouve a Fonte que murmura,
Nem do zefiro ao ſopro hum ramo bóle,
Não ha Choça Paſtor, nem eſpeſſura.

Rebanho alli não paſce a relva molle,
E em tanta ſolidão, tanta amargura
Não acha no ſeu mal quem o conſole.

Alb. Oliſip.

Teus

Teus ólhos côr do Ceo, teu alvo rosto.

Bernardes Ecloga 13. v. 90.

SONETO.

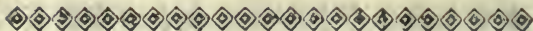
DA MINHA sé, da minha lealdade
O meu bem duvidou, e o Peito brando
Aos malesicos zelos entregando,
Cruel se torna a que era só bondade.

Mais fera do que as Feras na impiedade
Ei-la já minha perda maquinando;
E contra mim terrifica raivando
Cerra os duros ouvidos a piedade.

Em vão quero abrandalla com meu pranto,
Pois nem meus tristes ais, nem meu disgosto
Tê gora (justos Ceos !) puderão tanto.

Ao ódio do meu bem eu vivo exposto:
Ah! torna a serenar, meu doce encanto
Teus ólhos côr do Ceo, teu alvo rosto.

Alb. Olisip.

So-

SONETO.

SE ALGUEM no Prado vir huma Paſtora
De louras tranças, ólhos matadores,
A boca breve azilo dos Amores
Por dentro Aljofar, e rubim por fóra.

Mais linda, mais brilhante do que a Aurora,
Quando orvalha as cheirozas freſcas flores;
Mais meiga que os Favonios voadores,
Quando cerrem após da eſquiva Flora.

Saiba que eſſa he Alcina, o mimo, a gloria
Do terno accezo Albano que rendido
Canta nos aureos ferros a victoria.

E tanto em ſeu amor anda embebido,
Que náo riſca hum inſtante da memoria
O lindo Nome, o geſto apetecido.

Alb. Fliſip.

So-

Soneto.

Se da vil que te fulca, me vingares
(Antes que mais o difabor me enoje,)
Neptuno, huma hecatomba verás hoje
Golfando fangue fobre os teus Altares.

Morra, morra a cruel; turbem-fe os ares;
Raios ardentes Jupiter lhe arroje;
Sovertão-lhe o Baixel em que me foge,
Urrando horrendamente os roucos mares.

Defça bramindo ao Reino do queixume
Sua alma injufta, damnos fofra eternos
Das mãos das Furias, no tartareo lume.

Mas não, não a mateis, Numes fupernos;
Prove ciume igual ao meu ciume,
Que efte Inferno equivale a mil Infernos.

Belmiro Tranftagano.

* * *

SONETO.

HUM dia ornado Amor de verde louro,
No Sacro Templo do Destino entrava,
E hum negro Almalho ao Nume victimava,
Prever querendo o fado meu vindouro.

O gume de fatal secure de ouro
Pelo collo da Victima enterrava;
E aos Ceos co'as mãos o lindo rosto alçava,
Rogando na oblação propicio agouro.

As entranhas perscruta semi-vivas
Fito a fito auspicía o Sol dourado,
E o chão fere tres vezes successivas.

Depois ledo me clama o Deos vendado:
„ Jamais, Humano, lagrimoso vivas:
„ Analia he tua, que assim manda o Fado.

Belm. Transt.

SONETO.

VOA ſaudoſo lugubre ſuſpiro,
Chega á preſença do meu bem amado,
E alli mavioſo de afflicção banhado
Conta-lhe as magoas do infeliz Belmiro.

Vê ſe eſtima viver neſſe retíro,
Ou n' outro objecto emprega o ſeu cuidado,
Ah! ſe aſſim for, intima-lhe apreſſado
Que ás mãos da magoa ſem remedio eſpiro.

Mas ſe o vires por mim dando ais ardentes,
Conſola-o, dize que a Ventura errante,
Nem ſempre he conrra os miſeros viventes.

Que firme ſeja, como ſou conſtante,
Que a pezar d' invejozos maldizentes
Inda veremos noſſo Amor triunfante.

Belm. Tranſt.

So-

SONETO.

AS LEVES chinxas Marineu lançava
Do manso Téjo na corrente undosa,
E á linda Algêa Ninfa carinhosa,
Chêo de afecto, o lanço dedicava.

Eis de bravos tufões falange brava
Incha o Mar, nubla o Ceo, ruge raivosa;
Chovem raios da esfera tenebrosa;
E o Baixel n' hum rochedo lhe abicava:

O terno Amante n' afflicção tremenda
Só clama por Amor com vôz afflicta,
Sem que á morte cruel fugir pertenda.

Que intentas, diz o Nume. O triste grita:
„ O coração me salva, não se offenda
„ A meiga Algêa, que nelle anda inscrita. „

Belm. Transt.

✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿✿

SONETO.

QUAL Diana fugaz, n'um bosque umbrozo,
Afoita Jonia as Féras assaltava,
Ora settas mortais lhes atirava,
Ora as prendia em laço caviloso.

Eis colmilhudo Javalim cerdoso
Que por tres golpes sangue espadanava
A' linda Caçadora se avançava
As longas fouces esgremindo iroso.

Eu que isto observo, c'um farpão cruento
Entrego o bruto ás mãos da morte dura,
E á Nymfa bella do perigo izento.

Ser minha em premio agradecida jura;
Mas hoje sem respeito ao juramento,
Roubar-me a vida com desdens procura.

Belm. Transt.

※※※※※※※※※※※※※※※※

SONETO.

,, MEDONHA corre a Noute , a frouxa Lua
,, A furto moſtra o roſto deſmaiado ;
,, Em mil voluveis ſerras levantado
,, Ruge raivoſo o Mar na praia nua.

,, Hum ſó Baixel nas ondas naõ fluctua ,
,, Os Nautas dormem , tudo eſtá calado ;
,, Ah doce Laura , ah doce objecto amado
,, Quem vira agora a linda imagem tua !

Aſſim as vozes eu ſoltava ancioſo ,
Quando Laura o meu bem , a minha Eſtrella
Ao lado vejo , e vejo-me ditoſo.

No meu pobre Batel entro com ella :
Oh Ceos ! deſde que ſulco o Téjo undoſo.
Nunca vi nem logrei Noute mais bella.

Belm. Tranſt.

※※※

SO-

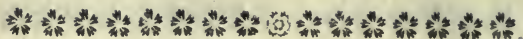
SONETO.

FUi entre ferros por Amor levado
A's vis cataſtas do cruel Ciume;
Eſte era o premio que me dava o Nume
De ter a Jonia tão conſtante amado.

De azuis ſerpentes vejo coroado
O eſtigio Monſtro reſpirando lume,
D' horridas furias horrido cardume
Com torvos geſtos lhe vozêa ao lado.

Eis de ſuſpeitas mil bando cruento
A mim ſe avança mil punhais brandindo;
Géllo de magoa, de terror lamento.

Niſto acode a Razão meus ais ouvindo,
Quebra-me os laços, furta-me ao tormento,
Illezo ſaio, da perjura rindo.

Belm. Tranſt.

SONETO.

DEpois que ao Sol as redes estendia
O triste Alzor, que á dura Algêa amava,
A' praia algoza subito saltava
E á longa sirga o barco seu prendia.

Ondas ligeiras, respeitai hum dia
O destricto em que estou, terno bradava,
E eis, que o nome da Nynfa, que adorava,
N'arêa entre soluços escrevia.

Assim que em le-lo hum pouco se recrêa,
Vai beijallo, e huma vaga marulhoza
Nisto lhe róla sobre a escripta arêa.

Parte lhe entra na bocca desditosa,
Então clama ,, quem te ha de amar Algêa,
,, Se até no proprio nome és amargosa.

MOTE.

Hum ferro agudo no meu peito crava.

SONETO.

MORRO Analia por ti, mais hum instante
Não posso disfarçar minha ternura,
Se por louco me tens, desta loucura
Culpa teus olhos, teu gentil semblante.

Doce paz, cara vida, alma constante
Victîmo de teu gesto á formozura,
E nas aras de Amor a fé mais pura
Te protesta guardar meu peito amante.

Que immensa dita se enchugar quizesses
O pranto ardente, que meu rosto lava,
E hum vizo ao menos de amorosa desses!

Mas se tão justa confissão te agrava,
Antes que o triste desengano expresses,
Hum ferro agudo no meu peito crava.

Belm. Transt.

Nun-

Mote.

Depois de morta a lamentavel Dido.

SONETO.

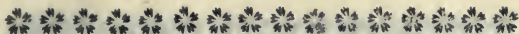
Junto da voraz Pyra que ondeava,
De crespo fumo os amplos Ceos toldando,
Escondendo hum punhal no peito brando
Convulsa Eliza á morte se entregava.

Inda o prófugo amante procurava
C'os moribundos olhos: soluçando,
E o spectro horrivel de Sicheo raivando
De seus crimes aos Manes a accuzava.

À boca torce, torce os frouxos braços,
E o ar fendendo com mortal gemido
Assim proclama, a voz truncando a espaços.

„ Em vão tentas fugir-me Esposo infido,
„ Que em sombra errante seguirá teus passos
„ Depois de morta a lamentavel Dido.

Belm. Transt.

Hum

MOTE.

Venceo-me de Natercia a formozura.

GLOZA.

SONETO.

TU com ſettas nas mãos, geſto ſombrio
E da linda Natercia acompanhado!
Apoſto Amor, que intentas denodado
Ter com minha alma novo deſafio.

Se animo tens, vem ſó, que não he brio
Trazer hum Nume defenſor ao lado,
Verás o como d'affoiteza armado
Dos laços teus, dos teus farpões me rio.

Mas d'almos olhos que fulgor celeſte
Me abraza o peito? eis morro de ternura,
Traidor, que eſtilo de pugnar he eſte?

Os pulſos te offereço á prizão dura;
Porém não julgues não, que me venceſte,
Venceo-me de Natercia a formozura.

Belm. Tranſt.

Mote.

Nunca mais te farei outra ameaça.

SONETO.

Que julga, sô Amor? não me desdigo,
Basta já de sofrer tanto calote:
Fazer que Lelia de Taful me note,
E ande trombuda á quasi hum mez comigo!

Apre lá com taes petas! Ouve amigo,
Vá ter brincos com outros do seu lote,
Se não quer que os narizes lhe mascote,
Que lho farei melhor do que lho digo.

Mas já soluça! Já perdão implora!
Ah! não soluces, que isto em mim foi graça.
Tome hum beijo: Ora cale-se: Inda chora?

Olha se a Lelia pedes que me faça
A mesma festa, que te fiz agora,
Nunca mais te farei outra ameaça.

CANÇONETA
A' IMMACULADA CONCEIÇÃO
DA
VIRGEM MARIA N. S.

QUE fraudes, que enredos,
Que horrivel eſtrago,
Famelico Drago
Semeia entre nós,
o collo eſcamoſo,
Arfando ferós.

Empana ſeu bafo
Os luſtres ethereos,
C'os olhos vipereos
Faſcina os mortais,
Veneno golfando
Das fauces lethais.

Por terra alongado
Hum hora ſerpenta,
E a cauda cruenta
Enroſca em aneis,
Outra hora coriſca
Dos olhos crueis.

Os

Os Ceos enſurdeſſem
A noſſos clamores ;
Marulho de horrores
Nos vem combater :
Quem póde no Mundo
Seguro viver !

Porém que Donzella
D' Eſtrellas Croada
Em nuvem dourada
Lá vejo aſſomar !
Dos Córos dos Anjos
Reſſoa o Cantar.

Seu manto radioſo
Nos ares fluctua ,
Suſtenta na Lua
Os candidos pés ,
Quem és raro aſſombro ?
Reſponde , quem és ?

Oh ſorte ! Oh prodigio !
Feliz maravilha !
He eſta , he a Filha
Celeſte de Abram :
Chegou aos Humanos
Geral redempçáo.

Diſſipáo-ſe as trévas
Funeſtas do Mundo ;
O Drago iracundo
Trepida de horror ,
E o ſuſto do eſtrago
Lhe dobra o ſuror .

A lingua farpada
Em fremitos vibra ;
Sanhudo equilibra
O corpo no ar ,
E a Virgem potente
Procura aſſaltar.

Eis que ella ſem ſuſto
Da Féra damnoſa
C'o a planta mimoſa
Lhe oprime a cervix ,
Jlleza alcançando
Victoria feliz.

Já brama , e ſe torce
No jugo potente
A torva ſerpente
Cuberta de horror ,
Em váo , em váo ſe arma
De ſanha e furor.

A cauda cerulea
De negro manchada,
Em arco vibrada
Afferra no cháo;
Ora abre, ora fecha
As fauces em váo.

Os Ceos te bemdigáo
Donzella formosa;
Vergontea frondosa,
Do claro Jessé,
Por quem libertado
O Mundo se vê.

Do Sol sacrosanto
Foste inclita Aurora,
Feliz deffensora
Dos filhos de Adáo,
Tu lhe abres as portas
Da santa Siáo.

E's Mái, Filha, e Esposa
Do Numen Superno,
Illeza ab eterno
Da culpa geral;
Feliz opressora
Da Serpe infernal.

Primeiro que ao aſtro,
Que os Ceos illumina,
A mente Divina
Eſſencia te deo,
E foſtes c'roada
Rainha do Ceo.

A Çarça incombuſta
Tu és oh Senhora,
A quem não devora
A culpa voraz,
E's Iris Celeſte
Annuncio de paz.

Celebrem-te ſempre
Do Olimpo os Cantores;
Perennes louvores
Te dem os Mortais,
Teus cultos ſe vejão
Creſcer mais, e mais.

Da torva Diſcordia,
Da Inveja ſedenta
Benefica izenta
O noſſo Atheneo:
Mil graças lhe alcança,
Mil bençãos do Ceo.

Belm. Tranſt.

DITHYRAMBO.

CHovendo eſtragos Orion enſifero,
Inveſte o mundo pavido;
Reveis frementes vortices,
Procellas mil horriſonas
Compõe ſeu bravo exercito.
Não longe o Inverno revoltoſo aſſoma
Batendo as azas frigidas,
Rugem-lhe em roda, Tormentas rigidas,
E a porta-gelo emaranhada coma
Eriçáo-lhe enraivados
Nordeſtes aſſanhados.
O brumal tempo agoirando,
Dos Rifeos alcantilados
Em confuzo vago bando,
Vem piando
Rubros Frios ouriçados
A's pungentes azas dando.
Ah Celia amavel, que ſomos victimas
De ſeus immanes impetos;
Volveo-te a força das crueis rajadas
Os claros membros tremulos
As faces carmezins, as mãos rouxeadas.
Que faremos?
Como á fria eſtação fugiremos?
Eia, ledos a Bacho brindemos,

Do

Do ſeu fero rigor zombaremos.
Aqui temos
Longo eſquadrão de gravidas botelhas,
Que as bocas vermelhas
Tem inda arrolhadas:
Deſtapemo-las,
Deſpejemo-las;
Eis reſſurtem as rolhas
E envolto em alegria
Tres cópos coroados
Já vejo, oh Celia, de eſpumoſas bolhas.
As Orgias celebremos
Evohé! Pean cantemos,
E c'os braços enlaçados
Ledos brindes reveſados
Hoje a Bromio tributemos.
Qual de nós libar primeiro
Do ſeu cópo o Nectar puro,
Tome poſſe do terceiro,
Evohé, que fui eu mais ligeiro!
Por mais que afane,
Celia formoſa
Por apartar-nos,
A ſorte aveça,
Não te pareça,
Que ſeparar-nos
Ha de poder.
Jámais o licor placido,
Que eterniza de Euxionio os altares,
Deſaloje cruentos pezares,
Cuidados mortiferos,
Remorſos anguiferos

Deſ-

Deſſas almas obtuſas, vulgares,
Que de nós murmurão,
Que brutais procurão
Hum laço deſatar, que a ſimpathia
A noſſos ternos corações forjára,
Que protege a razão, que o Ceo ampara,
E mais aperta amor de dia em dia.
Eis a mente veloz ſe anuvia;
O peito me enfurece
Frenetica alegria;
Evan! que me parece,
Que em ſanhudo Leão me converto,
Não me alucino, he certo:
Hiſpida juba na cervix me ondea,
Garras crueis rompentes,
Sanguineos olhos, aguçados dentes
Ebrio furor me preſta.
De me ver, minha Celia, não fujas,
Que a Brizeu na figura imitando,
Quando
Ao tonante Jupiter
Os Gigantes barbaros
Deſtronar pretenderão ſacrilegos,
Aquilão tiranico
Heide ataçalhar.
Mas guarida, que eſtou profligado
Da caterva dos horridos Euros!
Da-me ó Celia, huma taça de preſſa,
Do licor de Bordeus nacarado,
Poſſante,
Brilhante,
Cheirozo,
Goſtozo,

Que

Que envergonha ao Balais rutilante
No rubor, no gentil luzimento,
Que intento,
Vencelos,
Prendelos,
Proſtralos,
Deixalos
Sem vida:
Quando a taça me dás Celia querida;
Não he mais engraçada,
Que tu, a linda Aurora
De luzes coroada
No rutilo Oriente,
Da fulgida carroça apavonada
Os Frizões auri-roxos
C'o flagelo de rozas fuſtigando.
Não tem mais graça....
Mas venha, venha a taça.
Evohe! bebe hum golo primeiro;
Que mais goſto, maior fortaleza
Acharei no licor lizongeiro,
Que das almas alija a Triſteza,
As magoas ſuaviſa,
E as rebeldes paixões tranquilliſa:
Ah! não vez Celia mimoza,
Apinhados
Pelo frizo da taça formoza
Em tumulto, os Amores daninhos
Debruçados
Dando ſorvos, piſcando os olhinhos?
Olha alguns, que embriagados
Com ſemblante furibundo,

Dentro olhando a propria imagem,
Querem dar-lhe, e despenhados
Precipitão-se no fundo
Do marulho, e da voragem,
Os mais ficão salpicados,
E as cabeças sacudindo,
Dos parceiros se estão rindo.

Ah Celia, Celia amada,
Agora, agora empina
A taça cristalina,
Se queres ter amor.

Porém se és meiga,
Terna, constante,
Fiel, amante,
De que te serve
Este licor?

Silencio, silencio, ninguem me perturbe:
Alto influxo a cantar me afervora.
Já tomo a eborea cythara;
Para a referta impavido.
Vos desafio leves Corycides;
Sois poucas,
Sois loucas,
Sois roucas,
Meu canto vence-vos, deixa-vos tremulas;
O vosso he languido, barbaro, frivolo.
Ah vinde ligeiras, ser minhas emulas,
Porque meu estro altivolo,
Como as Filhas fizestes de Pierio,
E ás gentis Aquiloides argutas,
Se cantar intentardes comigo,
Vos fará deste arrojo em castigo.

Eia

Eia das frias Orcades
O almo ſummo vitigeno
Tragão-me á preſſa que nunca embriaga.
Que pertendo cantar dignamente
O vencedor potente
Dos fulos Povos da Menonia plaga.
Deliro ? Não : eu vejo
Eſquadrões horridos,
Turmas armigeras ,
Nos campos bellicos ,
Movendo eſcandalo ,
Aos Numes celicos.
São os Povos barbaros
Da Zona ſoligera ,
Que no carro luminoſo
Vem Titão flami-crinado,
Quando já meio acordado
Faz ao Dia perguiçoſo
Diſpertar do claro Ganges.
Dor he ver entre as fuſcas falanges
Como aqui , e alli guerreiro
Evio ligeiro
Toma a ſetta , arma o arco , aponta , mata ,
E as timidas cohortes
Com repetidas mortes
Soberbo desbarata.
Do Falerno purpurino
De Mareotes famoſa
Encho hum copo criſtalino ,
Eilo, he teu , Celia mimoſa .
Aceita-o ,
Empina-o ,

Esgota-o,
Que eu mais dois encho ligeiro,
D'outra especie mais gostosa.
Que summo táo rosado e lisongeiro!
Na viva côr excede ás vivas brazas!
Dous cópos tenho, oh Ceos! são duas azas!
Deixem-me,
Larguem-me;
Não me segurem, que as forças me quebrão.
Eu subo as amplas regiões sidereas,
Ver pertendo se os Numes celebrão
Lá no Olimpo tambem Antisterias.
Evohe Tionio fremente!
Não ha vinho que mais me contente,
Nem que tanto meus olhos deslumbre,
Como o do Rheno
Suave, ameno.
Nem hum vislumbre
Tenho agora dos negros Cuidados,
Que turbavão meus dias cançados
Saboé! que furor me transtorna!
Soccorrão-me, ajudem-me
A subir the á boca esta Dorna,
Quero empina-la,
Quero liba-la,
Quero esgota-la,
Em honra do Nume Tirsifero,
Que as magoas adoça,
A rugada velhice remoça,
E que assaima os Pezares cruentos.
Zunão ferozes desavindos ventos.
Toldem-se os frios ares;

Re-

Rebentem nos recifes pedregozos
Negros revezos Mares ;
Troem rijos trovões estrondosos :
D' horror na Esfera escura ,
Os lentos passos mais depressa movão ,
Elice tarda , a tarda Cynosura,
Que nunca as aguas d'Amphitrite provão,
Com fragor horrido
Das encontradas nuvens nimbiferas
Chovão trisulcos tortuozos raios .
Ecco fragueira tresdobre á porfia
O horrisono ribombo
Na ouca penedîa ,
Que eu rio , e zombo
Dos soltos ventos ,
Revoltos Mares ,
Trovões ruidozos ,
Raios trifurcos ,
Eccos medonhos ;
E resupino
Hum bello almude
Hoje á saûde
Ledo lhe empino .
Evan ! Que vejo ? Eu sonho !
Eis se me antolha
De Bacchantes hum bando rizonho .
Celia , que fazes , olha ,
Não escutas o som nos fundos valles ,
De tubas clangorosas ,
De roucos atabales
De stridulos pandeiros
D' Anafiz , de buzinas espantozas ?

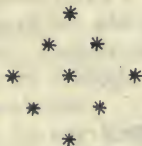
Não

Não vês,como ligeiros,
De corimbos , e parras coroados,
Dos crespos silvados,
Das lobregas grutas
Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas,
Saltão silvicolas , Satiros sofregos,
As plantas caprinas leves trocando ,
E o desenvolto cornipide bando
Não ouves cantando
„ Baccho Evohe.
Que refuzas ? vamos
De Nizeu ás festas
As testas
Cinjamos
De tenros pimpolhos.
Mas que vejo ! dois Eus ! duas Celias !
Evohe ! Nume Nizeno
Que meus olhos obumbrados
Fazem-me , tornão-me ,
Os presentes objectos dobrados.
Pois não he por estar vinolento.
Que dita ! Que portento !
O Destino endeozou-me ,
Em Baccho transformou-me ;
Sou Baccho , não duvides ,
Das verdejantes vides
Em mim o Nume adora.
Agora
Do sacrosancto Nectar me embriago ,
A'zul esfera
Veloz transago .
Por mim Celia gentil hum pouco espera,
Que

Que a Jove revôo fulmini-potente.
Para quê lá no Olimpo fulgente
D'hum trono luzente
A posse me dê.
Ceos, que em prazeres ardo!
Adeos Celia, eu não tardo.
Pean! Baccho! Evohe!

Por B. M. C. S. T. d. S.
Entre os Pastores do Téjo
Belmiro Transtagano.

*
* *
* * *
* *
*

Ao

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SR.
D. ANTONIO MARIA DE CASTELLO BRANCO
CORREA E CUNHA VASCONCELLOS E SOUZA,
NO DIA DE SEUS ANNOS
OFFERECENDO-LHE
HUMA ESPADA, E HUMA PENNA.

ACceita, Illuſtre Menino,
Toma a eſpada, toma a penna
Inſtrumentos que te cumprem
Da heroica vida na Scena:
Vaite aſſim acoſtumando
Ao que te deve ſervir.
Teu naſcimento te obriga
Tomar huma, e outra cingir:
Ouve da guerreira Europa
A terrivel confuzão,
Vai á honra do teu nome
Coſtumando o coração:
Grato á Sabia Providencia,
Que illuſtre prole te fez,
Deves Senhor recordarte,
Qual tu naſceſte, e quem és:
Dos herdados nome, e ſangue
Eſta a grande obrigação,
Que de outra ſórte ſeria
Herdar ſangue, e nome em vão:

Caſ-

Castellos Brancos, Corrêas,
Cunhas, Vasconcellos, Souzas,
São nomes, que sempre exigem
Na guerra, e paz grandes couzas:
Se pelo vasto Universo
A Fama os tem espalhados,
Com a espada, com a penna
Se tem feito assim honrados.
Precedendo a teus Maiores
Pública vôz fende os áres,
Que faz com os nomes dignos
Resoar a Terra, e os Mares:
Nem este som se conserva
Nas vozes da Fama em vão,
Mesmo agora, sim agora
He propria a sua lição:
No alto do seu Castello
Lisboa aperta nos braços
(a) Aquelle que a seus vindouros
Mostra para a gloria os passos:

O

(a) He bem celebrado nos fastos da Historia Portugueza o valor com que o esforçado Martim Monis Illustrissimo Progenitor da Familia de Vasconcellos, se deixou matar esmagado entre a porta do Castello de Lisboa, para que seu corpo morto a sostivesse aberta para a entrada dos nossos, que por este meio completarão a victoria contra os Mouros. O Rei em reconhecimento lhe mandou alli erguer hum busto, e a porta conserva ainda o nome do Heroe.

O que ſalva a Guimarães, (*a*)
O que a honra ao Rei defende,
Tens na tua eſtirpe Illuſtre,
Que a jurada fé não vende:
Honras a Mem ſe offerecem, (*b*)
Porque viſta a eſpada núa;
Mas na jurada homenagem
Guarda a Real, guarda a ſua:
Seguir do Rei a ventura,
Qual vario caminho tome
He dos de teu appellido,
E até meſmo do teu nome:
Africana arêa o vio
Em fogo de brio accezo,
Ferido onde o Rei ferirão, (*c*)
Prezo onde ſeu Rei foi prezo:
E do ſeu Rei natural
Defendendo a Terra, e o Povo
Não ſó os vio Mundo antigo,
Tambem os vio Mundo novo:

Aſſim

(*a*) Lembro aqui a fidelidade do Illuſtriſſimo Mem Rodrig. na guarda, e defeza de Guimarães pela parte do Senhor Rei D. Diniz: Declaro-o aſſim porque póde equivocar-ſe eſte louvor com o que merecera o famoſo Egas Monis, tambem deſta geração.

(*b*) D. Antonio de Caſtello-Branco que ſeguio a El Rei D. Sebaſtião na infeliz batalha de Alcacer.

(*c*) Outro D. Antonio que foi na Armada de ſoccorro ao Brazil.

Aſſim na Marcial eſtrada
  Eſpero , qué á gloria aſſomes ,
  Que iſto he dever (ja to diſſe)
  De tal Familia , e taes Nomes :
Mas ſe a doce Paz vier
  Tirar o Elmo a Minerva ,
  Das Sciencias no caminho
  Os teus Maiores obſerva :
Co' a penna inſtruindo os Luzos
  Sabendo juſtos regê-los
  Verás bons Caſtellos brancos ,
  Verás ſabios Vaſconcellos :
Fugidas virtudes , e Artes
  Dos teus ſe abrigam nas caſas ,
  E dalli vêm a apagar-ſe
  Da guerra as ardentes brazas :
Náo ſó a Piedade acceita ,
  Procura-as , convida , chama ,
  Eſtende a máo bemfeitora
  E as graças longe derrama :
Náo vou buſcar longe o exemplo ,
  Eis que o tens á viſta , he eſte :
  Reſpeita a lição Paterna ,
  Para ſeguila naſceſte :
Sobre mim ja neva a Tempo,
  E ja me esfria a cabeça ,
  Sinto ja pertos os dias
  Em que de todo arrefeça :
Meu amor , e minha idade
  Autorizáo meus conſelhos ,
  Que náo ſaõ de deſprezar-ſe
  De ſervos fieis , e velhos :

Pre-

Preparate a Sorte os cargos ;
Eu o prevejo , eu o eſtimo
Do Throno ſerás o eſteio
E dos pequenos o arrimo :
Em fim meu aviſo eſcuta
Guarda-o em tua memoria :
Naſceſte para viver ;
Mas vida de honra , e de gloria .

Disse

O mais humilde ſervo de V.Excellencia

Domingos Caldas Barboza

Car-

CARTA
DE
LERENO A ARMINDA,

EM QUE SE DAÕ AS NECESSARIAS REGRAS DOS VERSOS DE ARTE MENOR, ENSINANDO A CONHECER, O QUE SEJAÕ CONSOANTES, E TOANTES; E O QUE SAÕ PALAVRAS AGUDAS GRAVES, E ESDRUXULAS &c.

ARMINDA, cuja belleza
Para o Mundo rara, e nova
Do primor da Natureza
Nos deo a mais linda prova :

Em quem por hum modo vario
Taes graças o Ceo reparte,
Que he quasi desnecessario
Ajudar o estudo a arte :

Cujo Amor á Poesia
A faz ser de tanto preço,
Que eu que nada merecia,
Por ella tanto mereço :

Pois

Pois voſſo genio me pede,
Que vos queira declarar,
O como o Verſo ſe mede,
E o de que deve conſtar:
Eu trabalharei ſincero,
Porque voſſo genio adeſtre,
Com condição qae não quero
O vão titulo de Meſtre:
Porque fallando verdade,
De mim meſmo vos direi,
Qu'eu tenho eſta habilidade,
E como a renho não ſei.
Sinto n' alma, ſubtil, deſtro,
Hum doce furor vagar;
He iſto o que chamão éſtro,
Que me faz poetizar.
Sem as regras aprender,
Que aprendêlas ſempre he bom;
Verſos me virão fazer
Por innato, e doce tom.
Ao que a Natureza nega
Eſta preciza harmonîa,
Chega tarde, ou nunca chega
A doçura da Poeſia.
Mas a vós, eu imagino
Vos não negou eſte bem,
Dando a hum corpo peregrino
Peregrin' alma tambem.
E pois que min' alma, e vida
Repartir com voſco Intento,
Tereis com igual medida
Os fructos do meu talento.

SEI QUE VOS HADE AGRADAR
Fazer galantes Cantigas ;
Sei que as defejais glozar
Por divertir as Amigas.
Vou dar ás cantigas Lei,
A' redondilha, ao Quarteto,
Em Quintilhas fallarei,
Decima; e mais não prometo.
Só com verſos deſta caſta
Sei que muita gente brilha;
E ſendo bem feita, baſta
A corrente redondilha.
Eſte Verſo aſſim cantavel
Meſmo entre o Povo groſſeiro
Trouxe Terpſicore amavel (*a*)
Ao ſom de alegre Pandeiro.
Com elle ao tempo que Ceres
Eiras ou tulhas enchia,
Veio adoçar com prazeres
A cançada companhîa.
Mas Fabulas não metâmos,
Menina, vamos avante;
Tomai ſentido, qu' eſtamos
Co' a forma do Conſoante.
Saber primeiro he precizo,
O Conſoante o que he;
Eu ſerei breve, e conciſo;
Mas com razão, e porqué.

(*a*) Muſa propria a cantar prazeres brincando.

Eſpero que ſe me acceite
  Eſte goſtozo trabalho ;
  E que a minh' arte aproveite,
  Salvo a attenção a Borralho .(*a*)
Conſoante he huma vôz
  Quando igual com outra ſôa ,
  Neſtas duas achais vós
  Conſoantes : *Goa* , *e boa*.
Mas precizo declarar,
  Por hir coherente em tudo,
  Que tres ſons haveis achar
  Eſdruxulo , *grave* , *agudo*.
Aguda aquella vôz he,
  Que fere (*b*)ultima vogal,
  Como dizendo *Jozé* ,
  Ou *fiel* , ou *desleal*.
Na penultima ferindo ,
  Eſta vôz grave ſe chama ;
  Aſſim como *amado* , *lindo* ;
  Gracioſa , *bella* , *Dama*.
N' antepenultima fere
  O eſdruxulo galantiſſimo ;
  Quem quer o exemplo,pondere
  Em *Ruſtico*, ou *pulidiſſimo*.

O

(*a*) Borralho autor de huma arte de Metrificação .

(*b*) Achei melhor explicar-me , com ferir a vogal , que he que dá o ſom á ſylaba , do que tratar do aſſento predominante ; como ſe vê no Quarteto o ferir &c.

O ferir he dilatar
Neſſa vogal carregando ,
E o mais que continuar ,
Em ſom mudo abreviando .
He da vogal que ferimos ,
Que regemos por diante ,
S' iguaes letras exprimimos ,
Eſſa vôz he conſoante .
Se hum conſoante quizerdes
Para hum verſo ao voſſo *amado,*
Baſta o ſeu ſom eſcolherdes
N' outro , como *deſejado* .
Que he grave já conheceis ,
Fere a penultima ſó ,
Depois della alli tereis
Iguaes letras , *d* , e *o* .
O que as vozes graves tem ,
Nas outras vozes ſuccede ;
Da meſma ſórte tambem
Eſdruxulo e agudo , o péde .
Neutral ſegue a *natural*
Onde fere a vogal ultima ;
Picaro a *Icaro* igual
Que fere n' antepenultima .
Caſo que outta letra encerre
No meio , difere já ,
Amado , e *claro* , eis o *r* .
Que veio depois do *a* .
Eſta differença baſta ,
Que as faz naõ ſer conſoantes;
Sào as vozes deſta caſta
Huma das outras toantes .

Conhecer que he differente
O toante, eu acha bom ;
Pois s' engana muita gente
Com o tom em vez do ſom.
Se o verſo diz coiza boa ,
Não digo que não s' eſtima ,
Sempre ſe nota a Peſſoa ,
Que tem pobreza de Rima .
Conheço mil ignorantes
De huns ouvidos bronzeados ,
Que deixão os Conſoantes
Com os toantes trocados .
Fujâmos de tais Juizes ,
De tais Cantores fujâmos ;
Se os ouvir-mos , infelizes
Se as orelhas não tapamos .
Deixemos coizas por vir ,
Continúe a noſſa lenda ;
Vamos as regras ſeguir ,
E quem não ſouber, que aprenda.
He toante em diferindo
Depois da vogal que rege ;
Tens o exemplo em reflectindo
Nas palavras *Leve* , e *Sege* .
O *u* e *g* que ſe lêm
Entre os *ee* mudão o ſom ;
Som igual elles não tem ,
Bem que tem hum igual tom .
Regras aos habeis s'eſcrevem ,
Não são para a gente toda ,
Que ha tais , que á *ſorte* ſe atrevem
Dar o conſoante *roda* .

Para

Para eſtas teſtas de ferro
  A minha penna não corre,
  Neſſes naſce e creſce o erro,
  E por teima vive e morre.
Arminda, eſtá dada a ordem
  Para as vozes eſcolher;
  Porque em tom ou ſom concordem,
  Como as deveis conhecer.
E mal, ſe alguem com rudeza
  Mais do que iſto precizar;
  Aos que eſcuſa a Natureza
  Nao quer Apollo acceitar.
Ai de mim, fallei de Apollo,
  Fui-me em Fabulas metter;
  Não he daqui, eſtou tollo,
  Proprio lugar ha de haver.
Mas de paſſagem ſenhora,
  Se a digreção não eſcuzas,
  Fallo deſte Nume agora,
  E do Pernazo, e das Muzas.
Os antigos figurarão
  Eſta ſciencia em hum Monte
  Bipartido, em que pintárão
  Limpa, doce, e clara Fonte.
Eſte Nume preſidia,
  Segundo diz eſta Hiſtoria,
  E erão ſua companhia
  Nove Filhas da Memoria.
Tinhão diverſos Officios
  Eſtas que Muzas ſe chamão,
  Soccorrendo aos exercicios
  De varios Vattes que as amão.

Se accazo fosse verdade,
Vós hieis a fazer dez,
Deixemos a antiquidade
Acabemos de hum vez.
E emquanto aligero Bruto
Co' a pegada abre a Hipocrene,
De longe os gritos escuto
De quem quer que a Arte ordene.
Negra ignorancia, se ladras
Desta Arte sobre a reforma,
Cal-te que aos Versos, e ás Quadras
Já vou dar medida e norma.
Vamos pois principiar
Nas cantigas ordinarias,
Que hoje costumáo vogar;
Por isso as mais necessarias.
Vós senhora, a voz soltando
Que o rapido vento enfrêa,
Começai a ir cantando
Sem ser de medida alhêa.
Pequeno Verso ajuizo
Primeiro quereis fazer;
Ensinar-vos he precizo,
Que syllabas deve ter.
Se for agudo, só sete,
Oito ao grave se háo de dar;
E ao esdruxulo compete
Nove syllabas contar.
Mas cantela o genio tome,
Que ás vezes nessa tarefa,
Huma vogal outra come,
A que chamáo Sinalefa.

Is-

Iſto he quando huma dicção
  Tem no fim letra vogal,
  E a outra começa então
  Mas ſó huma ao medir val.
Minha Arminda, branda e linda
  Juſto exemplo aqui ſe tome;
  Que o *a* de *minha* o de *Arminda*
  Envolve em ſi, em ſi come.
Devemos exceptuar
  Se for aguda a dicção,
  Que o fim não deve juntar,
  A's letras que avante vão.
Sirva de exemplo *eſtará*,
  Eſtará em boa fé;
  Eisaque vê-mos o *a*
  Que não vai unir-ſe ao *e*.
Vamos aos artigos mais
  E, *o*, *a*, e *do*, *da*, *de*,
  Como ſeguintes vogaes
  E eſte relativo *que*.
Outra figura ha tambem,
  Que ſinerizes chamamos,
  Da dicção no meio vem,
  Se o proprio lugar lhe damos.
Com ella duas vogaes
  Fazem alli união;
  A gloria de mandar mais
  Eis ahi que unidas vão.
Se não foſſe contrahida
  A letra *i* com o *a*,
  Seria longa a medida.
  Pelas regras ditas já.

Eſ-

Eſta contracção ſe faz
Na ſyllaba ſubſequente,
Quando ferida ſe traz
A ſyllaba antecedente.
A's vezes he mais pompoſo
Soltar-ſe o prezo dithongo;
como o nome *glorioſo*
Quando o *i* ſe faz mais longo.
Por hora os mais Verſos calo
Que inda tem menos medida;
Na compoſição vos fallo
Mais uzada e recebida.
Neſſes a regra obſervada
Deſſas figuras já ditas,
He a cantiga formada
Co' as Leis abaixo deſcriptas.
Devo declarar tambem,
Pois qu' inda o não diſſe aſſima,
Que a vós conſoante tem
Outro Nome, chamão rima.
De quatro Verſos iguaes
De huma meſma medição
O quartetó vós formais,
Como eſtes formados são.
Dos quatro Verſos que tem,
Vem o ſeu nome a tomar,
Chamão-lhe quadras tambem,
Vem-lhe o nome de quadrar.
Do fim do Verſo primeiro
O conſoante travando
Com o do Verſo terceiro,
Segundo ao quarto imitando.

E

E para dar mais apreço
Armi ıda as minhas razões,
Ja o exemplo vos offreço
D'um quarteto de Camões.

E x e m p l o.

A Lma que está ofrecida
A tudo, nada lhe he forte,
Assim passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

Tendes *ofrecida* e vida
Soando da mesma sorte,
E destramente tecida
A rima de *forte* e *morte*.
Deixai falar quem falar,
Este sempre o Mestre he;
Nem vós podeis encontrar
Quem mais certas regras dê.
Na Redondilha he diverso,
Pois vai o Verso primeiro
Rimar com o quarto Verso,
O segundo c'o terceiro.

E x e m p l o.

E Sperei já não espero
De mais vos servir Senhora,
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desespero.

Bem

Bem por eſte exemplo vedes
O que eu expliquei agora,
Porque a poſição vós ledes
Das rimas em *ero* e *ora*.
Seis Verſos accreſcentando
A' redondilha depois,
Hides Decimas formando,
De que eu ſei que amiga ſois.
Com o quarto rima o quinto,
Seis e ſete ao do fim vem;
O oitavo ao nono: Eu vos pinto
Que forma as Decimas tem.

DECIMA.

Lobo.

CRUEL, e ingrato Ferino,
Nome, e Coração de féra,
Se da mais bruta ſe eſpera
Hum táo grande deſatino:
A ti deſte amor indino
Florela amante offendida,
Inda como agradecida,
De ver que em táo triſte ſorte
Procuraſte dar lhe a morte,
Te deſeja larga vida.

Vai-ſe eſte modo ſeguindo,
Que os antigos náo uzaváo:
Duas quintilhas unindo
Suas Decimas formaváo.

He hum modo de formar
Eſta chamada quintilha
Mais hum Verſo acreſcentar
Aos quatro da redondilha.

I. Exemplo. *Camões Epiſt.*

ORA vede que perigos
Tem cercado o Coração,
Que no meio da opreſsão
A ſeus proprios inimigos
Vão pedir a defenção.
Que attendais iſto eu requeiro,
Té ao quarto he redondilha,
E o que a ſegue derradeiro
He quem a forma quintilha.
Deſtas quintilhas porém
Ha muita variedade,
No modo da rima tem
A ſua diverſidade.
Eu peſſo ó Muſa que exprimas
O como elle as outras fez,
Ou juntando as duas rimas,
Ou tecendo-as com as trez.

II. Exemplo. *Ibidem.*

S *Uſpeitas que me quereis ,*
Que eu vos quero dar lugar
Que de certas me mateis ,
Se a cauſa de que naſceis ,
Vós quizereis confeſſar.
Rimão ſó Verſo primeiro ,
Terceiro e quarto igualmente ,
Segundo ao quinto he parceiro
N'outra rima differente.

III. Exemplo. *Ibidem.*

P *OR ſegredo namorado*
He certo eſtar conhecido ,
Que o mal de ſer engeitado
Mais atormenta ſabido
Mil vezes , que reſpeitado.
Primeiro , terceiro e quinto
Rimão iguaes , e o ſegundo
Vai com o quarto diſtincto ,
Cuido que vos não confundo.
Ou deſta , oh daquella caſta ,
Duas quintilhas juntando
A fazer Decima baſta ;
Eu vou o exemplo moſtrando.

D E-

DECIMA ANTIGA. *Camões.*

HUM Rei de grande poder
Com veneno foi creado,
Porque sendo costumado
Não lhe pudesse empecer,
Se depois lhe fosse dado. *1.Quintilha.*
Eu que criei de pequena
A vista a quanto padece,
Dest a sorte me acontece
Que não me faz mal a penna,
Senão quando me falece *2.Quintilha.*

Vedes as Quintilhas juntas
Este Decima formar,
São escusadas perguntas
Neste modo de rimar.
Porque he como vos mostrei
Já nas Quintilhas primeiras,
E as outras tirão a Lei
Das segundas, das terceiras.
E assim como ha quartetos
Nesta medida, e quintilhas,
Tambem se fazem tercetos,
Tambem se compõe sextilhas.
Rimão por modos diversos;
Mas na rima não está,
He do numero dos Versos
Que o seu nome se lhes dá.

Mas

Mas minha Arminda cuidado,
Sentido Arminda formoza,
Do que he Verſo eſtá falado,
Vamos ao modo da Gloza.
Não tomareis por pretexto,
Que ignorais o que he glozar.
Que he hum Verſo como texto
N'outros Verſos ampliar.
Differente caſta e lote
Poeticas glozas tem,
E o Verſo glozado he mote,
Saber-lhe o nome convem.
Camões, Bernardes, Ferreira,
E outra mais antiga gente
Glozavão d'outra maneira;
Hoje a gloza he differente.
De certo modo glozavão
A que elles chamavão voltas,
Que humas o mote ligavão,
Outras hião livres, ſoltas.
Lede aqui hum mote alheio,
Que em voltas Camões glozou,
E deſta ſorte bem creio
Que hum claro exemplo vos dou.

M o t e.

Se me desta terra for ,
Eu vos levarei Amor.

G l o z a.

SE me for e vos deixar ,
Ponho por cauza que eu possa ,
Esta minh' alma que he vossa ,
Com vosco me ha de ficar ,
Assim que por só ficar ,
A minh' alma se me for ,
Vos levarei meu amor ,
Que mal pode maltratar-me ,
Que comvosco seja mal ?
Ou que bem pode ser tal ,
Que sem vos possa alegrar-me ?
O mal não pode enojar-me
O bem me será maior ,
Se vos levar meu amor.

Dous Versos que motes erão
  São nas voltas ampleados ,
  E elles não apparecerão
  Se não assim explicados.
Das voltas o outro modo
  He hum Verso declarar ,
  E o sentido d'outro todo
  Entre as voltas se espalhar.

Mote.

Perdigão perdeo a penn a
Não ha mal que lhe não venha.

Volta.

Perdigão que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Azas com que se sustenha,
Não ha mal que lhe não venha.
Quiz voar a huma alta Torre,
Mas achou se desazado,
E vendo-se depennado
De puro penado morre;
Se aqueixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha,
Não ha mal que lhe não venha.

Outros d'outro modo uzando
Propria gloza quanto a mim,
Os Versos que vão glozando
Sempre vem da gloza ao fim.
Assim os outros uzarão,
E assim mesmo uzou Camões;
Decimas assim formarão
De que encontrareis milhões.

Mote Alheio.

Já não posso ser conte,
Tenho a esperança perdida;
Ando perdido entre a gente,
Nem morro nem tenho vida.

Gloza.

D*Epois que meu cruel Fado*
Destrubio huma esperança,
Em que me vi levantado
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado.
O coração qu' isto sente
A' sua dor não resiste,
Porque vê mui claramente,
Que pois nasci para triste,
Já não posso ser contente.

Por isso contentamentos
Fugi de quem vos despreza,
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz Senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos que lhe entreguei
Foi esta cançada vida,
Cuido, que nisto acertei,
Porque de quanto esperei,
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
Fora jâ muito milhor
Tivera fim esta dor,
Que não podendo mór ser
Cada vez a sinto mor.
De vós dezejo esconder-me,
E de mim principalmente,
Onde ninguem possa ver-me,
Que pois me ganho em perder-me
Ando perdido entre a gente.

Gostos de mudança cheios,
Não me busqueis, não vos quero,
Tenho-vos por tão alhêos,
Que do bem que não espero,
Inda me ficão receios:
Em pena tão sem medida
Em tormento tão esquivo
Que morra ninguem duvida,
Mas eu se morro, ou, se vivo,
Nem morro nem tenho vida.

Este exemplo que vos dou,
Proprio he de vós e de mim,
De vós que a ensinar-vos vou,
De mim porque passa assim.
Porém não fallo em paixão,
Que eu sei que vos desagrada,
Continue-se a lição,
Que o mais pouco val ou nada:

Des-

Desta medida de Versos
Ha huns Romances galantes,
Que servem para narrar,
E se formão de toantes.

ROMANCE.

Lob. o Tast. peregr.

ENganadas esperanças,
Quantos dias ha que espero
Ver o fim dos meus cuidados,
E sempre pára em começos !
Nascendo crescestes logo,
E veio o fruto nascendo,
Na flor que de antecipada
Conheci que era imperfeito.

De principio tão ditoso
Tornastes logo a ser menos,
Que bem se engana c'o fim,
Quem tem principio de extremos.

Eis-aqui o exemplo dado,
E dos toantes primeiros
Vai sempre continuando
Té chegar aos derradeiros:
E não tem nenhuma rima
Primeiro e terceiro Verso ;
Vós vedes no exemplo assima
Coplas de modo diverso.

Cuidais que tenho acabado?
  Inda ha muito que falar,
  Porém por não ser cançado
  Tratarei de abreviar.
Faltão endeixas, cantigas
  De huma medida menor,
  Feitas em louvor de amigas,
  E doce paixão de Amor.
De sete sylabas muitas
  De seis, e de sinco mais,
  Que hirão no fim todas juntas,
  Porque não vos confundais.
Já se sabe, que se deve
  Em termo grave contar,
  Que sendo agudo he mais breve,
  O exdruxulo ha de augmentar.
Assim nestes que tratamos,
  Os que oito sylabas tem,
  Ou sete, ou nove lhe damos
  Conforme ao termo convem.
Arminda, gentil Arminda,
  Se fazer Versos quereis,
  Resta muito mais ainda,
  Que cuidadosa estudeis.
Porém bastarão por hora
  As poucas regras gerais:
  A estes Versos, Senhora,
  Depois hiremos aos mais.
Começa-se pouco a pouco
  O entendimento a adestrar,
  Porque he temerario e louco
  Quem quer logo aos Ceos voar.

Bem

Bem como o corpo começa
De pequenino a crefcer ,
Deſſa meſma fórma deſſa
A idéa creſce em ſaber.
Quem ao alto de huma eſcada
Seguro intenta trepar ,
Sobe aos poucos , faz parada,
Té que ao alto vai chegar.
A maldita preſumpção
Que tem de enganar o officio
Muitos arrebata , então
He ſeguro o precepicio.
Vós caminhai mais ſegura,
E com a cauta prudencia
Vereis a ignorancia eſcura
A' clara luz da ſciencia.
Porém não queirais mui perto
Aſſim á preſſa chegar ,
Pois quem ſahe de eſcuro , he certo,
Que as luzes fazem cegar.
Pouco a pouco acoſtumando
Hide os olhos á verdade
Podereis hir ſoportando
Sua intenſa claridade.
Guiada do ſerio eſtudo
E guardando as ſuas Leis,
Ah formoza Arminda ! tudo
A ſeu tempo alcançareis.
Conheço almas vagaroſas,
A voſſa corre ligeira ,
Mas ſyladas perigoſas
Tem de poeta a carreira.

Qual

Qual posso, Arminda querida,
Os seus perigos vos marco,
Por vos não ver submergida
No immundo pegazio charco.
Muza não quer sugeição,
Muita gente vos dirá,
E he pior a confuzão,
Bem que a sugeição he má.
Depois das regras vos dar,
Livre por ellas vagai,
Como bem vos agradar,
Com regra a voz entoai.
Feliz eu se acaso alcanço
Ornar vosso entendimento,
Verei com gosto e descanço
Fructo de hum raro talento.
Daquelle talento raro,
De quem Arminda, de quem...
(Não sei se muito declaro)
Depende todo o meu bem.
Espero vos aproveitem
As lições que vos ordeno,
E em signal de Amor se aceitem
As fadigas de LERENO.

CARTA SEGUNDA
A
ARMINDA,
EM QUE SE TRATA DA COMPOSIÇAÕ DO VERSO GRANDE, OU DE ARTE MAIOR A QUE VULGARMENTE CHAMAMOS HEROICO.

POR
LERENO SELINUNTINO
DA
ARCADIA DE ROMA,
ALIAS
D. C. B.

GRaças ao meu trabalho, que eu já vejo
Em parte ſatisfeito o meu deſejo:
Tu me deves, Arminda, ſim, tu deves,
(E cuido, que a negalo não te atreves)
Hum realce das graças, e belleza,
De que te ornou a rica Natureza;
Deſenvolveo-ſe o metrico talento,
Já he maior o teu merecimento.

Tú

Tú já pizas do Pindo a longa eſtrada,
E de Euterpe, e Therpſicore guiada,
Caminhas a banhar-te na Heliconia;
E alli ao lado da meliflua Jonia,
Da elevada Lilia, e Marcia terna
Farás com Tirce a tua fama eterna.
Veja o vulgo ignorante aſſim perplexo
Que as meigas Muſas amão o ſeu ſexo.
E poſſa a auſtera gente Portugueza
Reſtituir o credito á belleza,
A quem abrindo as Graças ſeu theſouro
Apollo entrega a doce Lyra d' oruo.
Grecia que o diga, que o repita Italia,
E ſolte as vozes a confuſa Galia.
A eterna Sapho, a immortal Fauſtina,
A viva, e ſuaviſſima Corina,
Bocage, Dacier, Des-Houlieres,
Não são baſtante exemplo? E q̃ mais queres?
Apollo quer que os teus talentos ornes,
Começaſte o caminho, atras não tornes.

Forão uteis Lições, uteis fadigas,
Tù já fazes quartetos, já cantigas,
As Decimas ajuſtas, compões glozas,
E paſmão de te ouvir mil orgulhoſas,
Que invejando-te muito a face linda
O engenho, e arte mais t' invejão inda.

Chamá-te Poetiza, e já te alegras,
E apenas ſabes as primeiras regras;
Mas do teu eſtro oſtentação não faças,
Que de oito, ou nove ſyllabas não paſſas.

Por

Por harmonico tom da Natureza,
Se cantas Verſos de maior grandeza,
He qual ſimples Menino que applicado
Forma accaſo no chão cerro hum quadrado,
Hum circulo, hum triangulo aſſim forma,
E não ſabe a medida, a regra, a norma.
Neſcio da proporção que ás linhas cabe,
O meſmo nome do que faz não ſabe.

Póde huma vez o accaſo acreditar-te
Entre ignorantes, imperitos d' arte,
Que uſados a compôr ſem ter preceitos,
Nem conhecem os teus, nem ſeus defeitos:
A bizonho Pintor alguem celebra
O quadro máo que depois raſga, ou quebra,
Quando hum' arte fiel filha do eſtudo
Lhe vai moſtrar qu' eſtava informe tudo.

Não te deixes levar de vãos louvores;
Teme o voto dos teus adoradores;
Que por teus lindos olhos deslumbrados
Verſos que erraſte, medem acertados:
Amor a eſtende, ſe a medida he curta,
E ſe he ſobeja, a demazia incurta:
Tal vejo emfim, que no amoroſo Officio,
Te faz do entendimento hum ſacrificio,
E do ſeu coração por intereſſes
Te dá falſo louvor, que não careces.

Cautella pois Arminda, ſim cautella,
Que eu vejo ameaçar rija procella.
Tu deves ſegurar os teus talentos,

Por-

Porque não voguem á mercê dos ventos ;
Os olhos fitos ſobre o rumo d' arte
Apruma , e ſonda para deſviar-te ;
E em ſeguro baixel que rege o eſtudo ,
A são e ſalvo tu vadeas tudo .
Ao Sancto Alcaçar, onde em tua gloria
Te dão louvor as filhas da Memoria .

Sentada junto á doce Cabalina
Corre aos paſſados Sec'los a cortina ,
E lê nos faſtos que a memoria encerra ,
Como baixára a Poeſia á terra .

Clama o Egypto que primeiro a vira
E a ſua doce vôz primeiro ouvira :
Qu' imitando das Aves o gorgeio
A dar medida ás noſſas vozes veio :
Que aos Paſſaros os Homens imitando ,
Hymnos Sanctos aos Ceos vão concertando .
Que cantarão depois aſſim ſeus Reis ,
E eſte ſuave ſom lhe adoça as Leis .
A Chaldêa o recebe , e Grecia o toma ,
Dalli o tem a vencedora Roma .
Que aos ſubjugados Povos o eſtendêra ,
Quando as Virtudes com as Leis lhes dêra .

Aſſim a doce divinal Poeſia
Propagando os triunfos da harmonia ,
Dictára aos Gregos os coſtumes puros ,
E erguera a Thebas alteroſos muros .
De Auguſto no magnifico Palacio
Com Virgilio cantou , rio com Horacio :

Nas

Nas ſabias Cortes, nas Campinas rudes
Vicios punindo, honrando as sás virtudes,
Sobre medidas ſyllabas caminha,
E aſſim á Luſitania ſe avezinha.
Traz por adorno a ſonoroſa rima,
Qu' Italia, França, Heſpanha tanto eſtima;
Adorno que ella deſpe muitas vezes,
Inda em meio de auſteros Portuguezes;
Sem que por ſe moſtrar deſafeitada
Seja entre os Sabios menos eſtimada.
Acabou a toada Leonina
Da ſacra magiſtral Lingua Latina:
Noſſa linguagem pois veio daquella,
Dirão, devem ſeguir-ſe os paſſos della.
Não crêas tudo quanto os outros dizem,
He precizo que as cauſas ſe analizem,
E talvez nem o exemplo nos importa
De huma linguagem boa, porém morta;
Ha outras Linguas della deſcendentes,
Que devemos ſeguir como Parentes.
Os que ralhão da rima em noſſa Lingua,
Talvez he por dureza ſua, e mingua:
Eu ſei que a Italiana naſceo antes,
E conſerva no verſo os conſoantes,
Inda ſendo mais facil a mover-ſe,
Porque ſabe alongar-ſe, ou encolher-ſe.

Vê a Sabia gentil Muſa Franceza
A pés juntos marchar unida, e preza,
E repreſenta aſſim ſem que mal fique,
As acções grandes do famoſo Henrique.

Nem

Nem a Tragedia o geſto ſeu afronta,
Se em paſſo unido os altos feitos conta.
Aſſim o Cid, e Zara honrão a Scena
Sem dos Poetas infamar a penna:
Se vamos lêr ao Pindaro de Heſpanha,
Que pelas nuvens rapido ſe entranha,
Nós não diremos não, que a ſua rima
Deixára o ſeu talento em pouca eſtima.
Ouve a Camões a Epica trombeta;
Verás que a rima ornou Muſa diſcreta,
E que ſabia, e gentil não desfigura
De Adamaſtor a horrida figura.

Vamos porém co'as regras adiante,
Seja enfeite da Muſa o Conſoante;
Mas venha proprio, em proprio lugar poſto,
Que então realçará da Muſa o goſto.
Lembrete gentil Moça, qu' enfeitarão
Mãos inertes que o geſto lh' eſtragarão
Porque o Bonet de ſórte lhe puzerão,
Que á natural belleza lh' empecêrão.
Aſſim mal applicado o conſoante
Eſtraga, como a touca, o bom ſemblante.
Não tem noſſo Parnazo hum meſmo Canto,
Varîa em tons, e muitos pedem tanto:
Varias compoſições de varia ordem
Pedem que em ſua ſolfa aſſim diſcordem;
Ora a Muſa vai livre, ora ſugeita;
Por mais que pro, e contra alguem te alegue,
Teu genio eſcolha, e o teu genio ſegue.

Se á tu' alma porém falta a harmonia,

Fo-

Foge da melindrosa Poesia,
E em vão a maior marcha emfim te aprontas,
Se os largos passos pelos dedos contas:
Previne sempre quando as vozes lances,
Em que lugar o folego descances,
Que este Verso maior tras seu cansaço,
Se com regra não pousa espaço a espaço.

Se o metro vais compôr de maior arte,
O Verso em onze syllabas reparte.
Seja a decima longa, a outra breve,
Que assim a Lei do Pindo lhe prescreve:
Se esdruxula dicção o finaliza,
Então mais huma syllaba preciza:
Se com dicção aguda se conclue,
Então huma das onze diminúe;
E na decima longa que assignalo,
O meu Verso acabei, e ahi me callo:
Mas d' altiva Epopêa na vôz bella
Destes Versos agudos te acautella;
E evita no Soneto escrupuloso,
Hum tal verso que o faz menos formoso:
Se hum conceito porém melhor se exprime,
Não ha medida então que o desestime.

Com estes Versos de maior medida
A heroica Musa ao Canto nos convida,
Heroico assim se chame, porque tome (nome:
Do assumpto a q̃ he mais proprio, hũ proprio
Com elle aos Lusos dêo eterna fama
O immortal Cantor do illustre Gama,
E com elle o grandiloquo Pereira

Dêo

Dêo a Lisboa a gloria verdadeira :
Mil outros casos nossos muito honrados
Nos Versos desta ordem são cantados ;
E ou solto , ou prezo co' a sonora rima
Tem dos proprios , e estranhos alta estima.
Com elle a Poesia abranda , adoça
Duros principios da Linguagem nossa.

Eia , Arminda , se o genio te convida ,
Mãos á obra : aqui tens regra , e medida :
Recorda-te que ao Verso em que escrevemos,
Sendo grave , onze syllabas daremos ,
Tem o esdruxulo doze , dez o agudo ,
O Emistiquo sete , e disse tudo :
Segue esta differença o seu quebrado
Em grave , agudo , e esdruxulo notado;
Mas a syllaba sexta longa seja,
Bem que a final dicção de oito se veja.
Não julgo estes preceitos já confusos ,
Sabe-se o verso , vamos aos seus usos ,
Como se trava , ou emparelha a rima ,
E qual o Canto que a requer , e estima.

Muitas vezes grandiloqua Epopêa
Solta desta prizão vôa , e passêa ,
Outras vezes sem ter duro embaraço,
Vai medindo em Oitava o seu passo.
Assim Camões a heroica marcha ordena ,
Assim de Castro a delicada penna.
Cabe agora notar, qual se une , e trava
Sonora rima na graciosa Oitava ;
Que em si mesma hum discurso concentrado
Vai

Vai para outros a paſſagem dando,
E em curtos ramalhetes bem diverſos
Das flores da eloquencia adorna os Verſos,
Fazendo em huma muſica alternante,
Que ſirva no compaſſo o Conſoante.
Sôa o primeiro co' o terceiro, e quinto,
Segundo, e quarto, e ſexto he ſom diſtinto;
E o ſetimo, e oitavo ſempre unidos
Enchem de hum final ſom noſſos ouvidos.

EXEMPLO.

As Armas, e os Varões aſſinalados,
Que da occidental praia Luſitana
Por mares nunca d' antes navegados
Paſſarão muito além da Traprobana:
Que em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto ſublimarão.

Luſiad. I.

Eſta grata invenção, que da Caſtalia
Correo a fecundar Eſpanha, Italia,
De huma facil maneira ſe acommoda
A todo o aſſunto, e a materia toda.
Aſſuſta-nos co' o rufo dos tambores,
Alegra-nos co' as graças, e os amores,
Pinta os Campos, Cidades, Leis, coſtumes,
No mundo honra os mortaes, no Ceo os Numes:
Hum ora esfria, outr' hora ſe afoguêa
E alterna a marcha a goſto da Epopêa.

Tem

Tem ſextilhas tambem uſo ſeguido,
E em alguma Epopêa tem ſervido:
Servem como as Oitavas caminhando
Ora em paſſo mais forte, ora mais brando:
E porque o ſom poetico ſe exprima
No quarteto alternando a varia rima,
Reduz a mais curteza o ſeu contexto,
E acaba unindo o quinto verſo ao ſexto.

E x e m p l o.

MUitas vezes meus verſos me pediſte
Que tos moſtraſſe, e nunca tos moſtrei;
Em não pedir-te os teus, ſe bem ſentiſte,
Entenderieis porque tos neguei:
Da paga me temi, ſe a não temêra,
Muitas vezes meus verſos já te lêra.

Pedro de A. Cam.

Eſta ſextilha chamão ſexta rima,
Que mais a moda uſa, e a moda eſtima:
Ha outra, em que Camões forma as Eſtancias,
E travão de outro modo as conſonancias,
Hindo achar nas ſeguintes armonîa
Do arranjo em que a primeira principia.

E x e m p l o.

FOge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caſo he verdade que inda vivo:
Vai-ſe-me o breve tempo d'ante os olhos;
Choro pelo paſſado, e em quanto fallo

Se

Se me paſsão os dias paſſo a paſſo ;
Vai-ſe-me emfim a idade , e fica a pena .

Que maneira tão aſpera de pena,
Pois nunca hum' hora vio tão longa vida
Em que do mal mover ſe viſſe hum paſſo .
Que mais me monta ſer morto , que vivo ?
Para que choro , emfim ? Para que fallo ,
Se lograr-me não pude de meus olhos ?
Camões Sext. 1.

Não , eſte exemplo aſſim não te confunda ,
Buſca a vôz da primeira na ſegunda ,
Huma remata , outra começa em pena ;
E outros ſaltos aſſim a Muſa ordena .

Não eſcuſo aos quartetos dar a norma ,
Pois que a Muſa os varîa em ſua forma :
Em huns do quarto a rima une ao primeiro,
E ata a do ſegundo á do terceiro .

EXEMPLO.

CRuel , que te fiz eu , que me aborreces ?
Tens duro coração mais que hum rochedo :
Eu ſou tigre , ou leão que meta medo ,
Que apenas tu me vês , deſappareces .

Em outros vão as rimas alternadas
Rimar aonde cabem terceadas
Verſos que a Muſa de ordinario inſpira
A quem nos Campos faz ſoar a Lyra .

E x e m p l o.

E *M vão ſerá negar, trago no roſto*
Eſcrito o meu total deſaſocego;
Neſte cruel eſtado me tem poſto,
Os enganos ſuaves d'Amor cego.
Lreeno a Arminda.

Ao triſte ſom do funebre alaûde
Melpòmene, que em pranto honra a virtude;
Sempre goſta exprimir os ſeus afectos
Nas variadas rimas dos tercetos.
Com elles dos Heroes á Campa fria
Caminha a ſaudoſiſſima Elegia:
De funereos cipreſtes mal toucada,
Nos diſcurſos pouſando por cançada:
O primeiro ſe une ao ſeu terceiro,
Buſca o ſolto ſegundo hum companheiro.

E x e m p l o.

Q *Ue triſtes novas, ou que novo damno,*
Que inopinado mal inſerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as praias humidas de Goa
Ferver com gente atonita, e turbada
Do rumor que de bocca em bocca vôa!
He morto D. Miguel (Ah crua eſpada!)
E parte da luſtroſa companhia,
Que alegre ſe embarcou na triſte armada.
Cam. Eleg. 10.

Mas

Mas deste modo facil, e corrente
Se tem aproveitado muita gente:
Elle serve aos ternissimos Pastores
E exprime a vôz dos duros Pescadores:
Com elles he que a Ecloga me pinta
O que amor faz sentir, e quer que eu sinta.

E x e m p l o.

AGora já que o Téjo nos rodêa,
Neste penedo dando mansamente.
Murmurando se quebra a branda vêa:
Espera Delio, até que do Occidente
De azul deixe a ribeira matizada
O Sol levando o dia a outra gente.
Entre tanto daqui verás pintada
A praia de conchinhas de oiro, e prata,
E a agua dos mansos sopros encrespada.
Camões Eclog. 14.

Diversa travação de consoantes
Ordenão mil Poemas ellegantes,
Que tratados com arte, e com destreza
Dão fama, e honra á Musa Portugueza:

E destes que por força hão de ter rima,
Que grande valor tem, que grande estima
O Soneto, que em metrica phalange
Arrostra quanto a Poesia abrange?

Dispõe a heroica marcha em dois quartetos
Que remata depois em dois tercetos,

Sem

Sem confentir que hum termo fe repita,
Accita fó a vôz que neceffita:
Naturaes exprefsões devem unillo,
E a rima obediente ha de fervillo,
E o Vate o feu difcredito procura,
Se aguda, grave, e efdruxula miftura.

Nefta compofição pois excellente
A rima he quatro vezes differente.
Primeiro, quarto, quinto, e oitavo verfo,
Não fe ufa rimar em fom diverfo:
O fegundo, e o terceiro vão unidos,
E são do fexto, e fetimo feguidos:
Aos nove, aos onze, aos treze he huma a rima
Vão dez, e doze ao verfo em que fe ultíma.

E X E M P L O.

O Raio cryftallino fe eftendia
Pelo mundo da Aurora marchetada,
Quando Nize, Paftora delicada
Donde a vida deixava, fe partia.
Dos olhos com que o Sol efcurecia
Levando a luz, em lagrymas banhada.
De fi, do Fado, e Tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo affim dizia:
Nafce o fereno Sol puro, e luzente
Refplandece purpurea, e branca Aurora,
Qualquer alma alegrando defcontente:
Que a minha, fabe tu, que defde agora
Jámais na vida a podes ver contente,
Nem tão trifte como eu outra Paftora.

Cam. Son. 89.

De

De outra arte a Musa antiga os acommoda,
Que ainda os Versos tem usança, e moda.
Temos quartetos ditos terceados,
Temos tercetos n' outro som travados:
Tem o chavão de Mestres respeitaveis,
Mas são hoje entre nós pouco agradaveis.

E x e m p l o.

Vos que escutais em rithmas derramado
Dos suspiros o som que me alentava,
Na juvenil idade, quando andava
Em outro, em parte do que sou, mudado.
Sabei que busca só do já cantado
Em tempo que ou temia, ou esperava,
De quem o mal provou que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendêo ser fabula da gente
(Do que comigo mesmo me envergonho.)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente,
Que quanto ao mundo apraz, he breve sonho.
Cam. Son. 101.

Acrosticos, retrógrados, caudatos
Passão por ser de velhas Musas flatos;
Passou a subtileza genuina
Co' o tempo do bigode á Fernandina:
Quando os enigmas, quando os anagramas
Forão o enleio das discretas Damas,
Quando o bifronte equivoco fazia

O prazer, e era o ſal da companhia :
Deixou c' os rolos eſta Moda á Muſa
E hum tom mais ſerio nos Sonetos uſa,

A's Lyras, e ás Canções ſerve eſte Verſo
Com a rima travada em ſom diverſo,
E ſerve aos Madrigais, e ſerve ás Odes,
Que aos Aſtros ſoltas conduzir tu pódes;
Sua deſordem gracioſa, e bella
Extriores preceitos atropella,
E vai da mente acceza no Capricho
Volteando a eſtrada a ſeu objecto fixo :
Aſſim materia propria arde inflammada,
Fluctûa a flamma unida, ou ſeparada;
E ſeguindo eſte vario deſafogo
Moſtra abatida que ſe apaga o fogo.

Nem mais me alongarei, porque não cance
Com Madrigal, com Silva, com Romance:
Eſte ſegue no tom ordem preſcripta
Ao do Verſo pequeno, e a dou por dita :
A Silva os conſoantes emparelha,
Quebrados lhe permitte a regra velha
Como á Ode, á Canção, á meiga lyra
Sem que niſto Lei certa inſtituira.
Eſta Poeſia facilmente corre,
E a Memoria fugás no tom ſoccorre;
Ao Vate, que ſe inflamma de improviſo
Eſte facil Poema acho preciſo,
Quantas vezes Arminda me eſcutaſte,
E humas vezes tu riſte, outras choraſte?

O chiſtoſo Epigrama me eſquecia,
Onde oſtenta agudezas a Poeſia :
He breve , e as ſuas rimas ſe diſpoem ,
A ſabor do Poeta que o compoem
Parece que ſingelo vai tecido,
E remata porém dobre o ſentido .

O Madrigal que em meio do ſeu gado
Por ſingelos Paſtores he cantado ,
Curtas eſtancias tem , com que ſe áta
Com que expoem, entretem,e emſim deſata.
Huns por tercetos vão marchando á meta ,
Outros vão a capricho do Poeta .
Nos Verſos tem a Lei , não nos aſſuntos:
Não mais de onze , e os finaes que rimem
(juntos .
Não quero mais Arminda não canſar-te,
Baſta de Exemplos , Regras, Leis , e Arte:
Pouco baſta a quem tem tanta viveza,
Supra os defeitos d' Arte a Natureza:
Para adornar deſſa alma a formoſura
Enriquece la pódes co' a Leitura
Do rico toucador , pois nas gavetas
Miſturarás c'o as fitas os Poetas ,
Co' a lição , e co' os olhos vencedores
De ti ha de valer-ſe o Deos d' Amores ,
Vencerás os ouvidos como a viſta ;
Já por mim começaſte eſta conquiſta .

LERENO.

TRA-

TRADUCÇÃO DA ARTE POETICA DE BOILEAU PELO EXCELLENTISSIMO CONDE DA ERICEIRA.

CANTO PRIMEIRO.

I.

EM vão quer no Parnaſo hum temerario
Da Poeſia tocar a ſacra altura,
Se des de que naſcêo tem por contrario
De hum influxo ſecreto a luz impura:
Ao ſeu genio captivo, eſtreito, e vario
Nunca Phebo concede a attenção pura,
E o Pegaſo volante, e generoſo,
Se lhe nega detido, e vagaroſo.

II.

O vós, a quem o ardor com riſco inflamma,
Da deſcrição na eſtrada perigoſa,
Não conſumais ſem fruto a nobre chamma,
Se o genio foge, e o metro buſca a proza:
Temei hum goſto, que talvez infama,
Com a viſta agradavel, e enganoſa,
E ſe ha em vós, conſultareis prudente,
Furor divino, eſpirito valente.

III.

Com engenhos ſecunda a Natureza
Os talentos reparte nos Autores ;
Hum tem nos Epigrâmas a agudeza ,
Outro exprime de amor finos ardores ,
Malherbe canta de hum Erôe a empreza ,
Racan-Philis , e os boſques , e os Paſtores,
Mas quem ſe liſongêa , e favorece
Se ignora a ſi , e o genio deſconhece :

IV.

Aſſim outro , a quem vio caſa abatida
De verſos com carvões tingir os muros ,
Canta com vôz ouz da , e preſumida
Do perſeguido Hebrèo triunfos ſeguros :
E ſeguindo a Moiſés neſta fugida
Pelos deſertos barbaros , e eſcuros
Do cruel Pharaó entre os pezares
Corre a afogar-ſe em tormentoſos mares.

V.

Ou ſe trate hum aſſunto heroico, ou brando,
Nunca a rima ao conceito ſe adiante ,
Hum com outro parece eſtão pugnando ,
Mas ſerve como eſcravo o Conſoante :
Para o achar primeiro trabalhando
Corre hum pouco o engenho vacillante ,
Porém nunca a fadiga perpetúa ,
Pois logo com o uſo ſe habitúa.

VI.

Ao jugo da razão ſerve obediente,
Sem captiva-la vem enriquece-la ,
Mas ſe ella ſe deſcuida negligente ,
O Conſoante livre ſe rebella :
Por tornar a doma-lo diligente
O ſentido em ſegui-lo ſe diſvé-la ,
Amai pois a razão , que ſempre illuſtre
Dá aos voſſos eſcritos preço , e luſtre .

VII.

Da maior parte o animo inſenſato
Póe longe do ſentido o penſamento ,
E crem que humilhão monſtruoſo ornato,
Se de outro imitão menos nobre alento :
Sem exceſſo deixai eſte aparato
Da louca Italia ao falſo luzimento
A razão tem no acerto huma ſó via ,
O caminho he penoſo, incerta a guìa .

VIII.

Chêo hum Autor difuſo d' huma idéa ,
Nunca ſem a eſgotar a deſampara ,
Pinta a hum Palacio a face , e me paſſêa
De eirado a outro eirado , e nunca pára :
Balcões , e gallerias me nomêa ,
O ouro aos balauſtres fino aclara ,
Aſtragallos , feſtões deixa pintados
Entre planos , esfericos , e ovados .

IX.

Salto de vinte folhas a diſtancia ,
E no ultimo jardim me ſalvo apenas ;
Fugi de tão eſteril abundancia,
Emprego inutil das Eroicas penas :
A demaſia he chêa de ignorancia ;
Deſprezão-na cançadas as Camenas ;
Quem não derem o arrebatado pletro ,
Malquiſta a vôz , deſautoriza o metro .

X.

Por emendar do baixo eſtylo o vicio ,
Ao verſo , que era humilde , fazeis duro ;
O temor vos conduz a hum precipicio ,
Evitando o ſer largo , ſois eſcuro :
Hum , a quem falta influxo mais propicio ,
Fica deſalinhado por ſer puro ,
E outro que ſubir quiz , por elevado
Des de as nuvens naufraga deſpenhado :

XI.

Quem quer lograr do publico os louvores ,
De variar diſcurſos nunca ceſſe,
O eſtylo igual , unidos os primores,
Aos olhos que ſuſpende , reſplandece :
Que pouca eſtimação tem os Autores ,
E que enfadoſo o ſeu cantar parece ,
Quando em hum meſmo tom nada jocundo
Nos matão pſalmeando pelo mundo .

XII.

Ditoſo aquelle , cujo nobre alento
Os eſtylos nos metros alternando,
Sabe paſſar com hum ligeiro aſſento
Do grave ao doce , do ſevero ao brando :
Eſtimado o ſeu livro do alto aſſento,
E aos diſcretos Leitores venerando
Sempre o procura em ambição glorioſa
A' porta do impreſſor a turba ancioſa.

XIII.

Evitai nos eſcritos a baicheza,
E entre o jocoſo reſplandeça o ſerio ;
O burleſco algum tempo ſem grandeza
Teve por novo na attenção o imperio:
Do trivial equivoco a agudeza
Foi do Parnaſo indigno vituperio ;
Eſta licença já ſem freio , ou polo
Pôs disfarces ridiculos a Apollo.

XIV.

Todo o mundo infeſtou mal tão terrivel,
Que des de o vulgo aos Soberanos paſſa ,
Inda o mais ſem ſabor ſe achou plauzivel ,
E até a d' Aſſouci ſe achava graça :
Mas eſta extravagancia aborrecivel ,
Da Corte , e dos diſcretos na diſgraça
Marot ſe imita ſabio no picante
Diſtinga-ſe o burleſco do galante.

XV.

Mas não ſigais Brebeuf, cujas Poeſias
Até na grã Pharſalia collocarão,
Com montanhas de mortes, e agonias,
Vozes que aos ignorantes admirarão:
Sublimes ſem vaidade as armonias
Sempre com arte as vozes moderarão;
Séde ao Leitor plauzivel, e eſtimavel,
Que nunca afectação foi agradavel.

XVI.

Os ouvidos ſeveros na cadencia,
Com propriedade o numero partido,
Porque ſuſpenda a matrica eloquencia
No hemiſtiquio deſcancem os ouvidos:
Não prevertais de huma vogal a eſſencia,
Quando outra encontra, e ſejão eſcolhidos
Os termos que as idéas harmonioſas
Se perdem entre as vozes eſcabroſas.

XVII.

Ao Parnaſo nos ſeculos primeiros
Só o Capricho em França as Leis fazia,
Davão os conſoantes mais groſſeiros
Cizura, ornato, e numero á Poeſia:
Soube Villon de antigos Romanceiros
Tirar da arte confuza a melodia,
Abrio Marot aos verſos as eſtradas
Nos rondós, nos Triolets, e nas Balladas.

XVIII.

Deſtes Ronſarde ſucceſſor indino ,
Por querer emendar, confundio tudo ;
Porém o ſeu Francez Greco-Latino
Foi hum dia dos cultos pobre eſtudo :
Já perdêo a fortuna o ſeu deſtino
Cahindo o fauſto pedanteſco , e rudo
Deſportes , e Bertaut eſcarmentados
Ficão a ſeu exemplo moderados :

XIX.

Malherbe em França emfim a diſſonancia
Soube ajuſtar dos verſos na cadencia ,
E ás vozes igualando a conſonancia ,
Moſtrou á Muſa as regras da eloquencia:
Reparou o idioma co' a elegancia ,
E por elle adquirio clara excellencia ;
As eſtancias com graça lhe cahirão ,
E os verſos ſem dureza ſe exprimirão .

XX.

Segui pois eſta guia , eſte modello ,
E imitai-lhe a puriſſima clareza ,
Sempre hei de lêr huns verſos com diſvello
De perceber cultiſſima agudeza :
Deſte inutil trabalho logo apello ,
E em tantos vãos diſcurſos na eſtranheza
Nunca ſigo hum Autor , ſe ao eſtimallo
Sempre hei de andar buſcando-o para acha-lo:

XXI.

De alguns genios os triſtes penſamentos
Embaraçados ſempre em nuvens denſas
Não pódem da razão nos luzimentos
Desbaratar as funebres offenſas :
Cuidai , ſe de eſcrever tendes intentos ;
Dando á idéa as luzes mais intenſas,
Que o que puro , ou confuſo ſe concebe ,
Mais claro , ou mais eſcuro ſe percebe .

XXII.

E ſobre tudo não caiais no abiſmo
De adulterar do Idioma o ſer ſagrado ,
Nunca admitais pompoſo barbariſmo
Inda na melodia disfarçado :
De que ſerve hum ſoberbo ſoleciſmo !
Que val hum termo proprio , e viciado ?
Emfim he o Poeta mais divino
Sem pureza da lingua Autor indino .

XXIII.

Cuidai com ordem , e eſcrevei ſem preſſa,
Não preſumais de rapida loucura ;
Hum eſtylo , que corre , e nunca ceſſa ,
Pouco do entendimento a força apura :
Mais do que huma torrente , que ſe apreſſa
A inundar a campanha aſpera , e dura ,
Eſtimo hum rio , que na branda arêa
Vagaroſo entre as flores ſe paſsêa .

XXIV.

Lento vos apreſſai, mas neſte eſpaço
Não deſmaieis por não achar conceito,
Vinte vezes applique á obra o braço
A forja de que foi diſcreto effeito:
Puli-a ſem ceſſar, ſem embaraço,
E tornai-a a pulir não ſatisfeito,
Dai-lhe talvez augmentos primoroſos,
E riſcai, que eſtes verſos são glorioſos:

XXV.

Não ſe eſtima hum Poema, que reparte
Acertos com mil erros desluzidos;
Hão de ſer ſempre iguaes em toda a parte
Os extremos ao meio dirigidos;
Firmão hum todo as obras de mais arte
De partes differentes aos ouvidos;
E aſſim nunca o diſcurſo perca o fio
Buſcando longe hum culto deſvario.

XXVI.

Temeis aos voſſos pública cenſura?
Sede a vós meſmo critico ſevero;
A ignorancia admirada não murmura,
Mas buſcai confidente o mais ſincero:
N'um amigo a verdade he mais ſegura,
Dos voſſos erros inimigo auſtero,
Humilhando de Autor louca vaidade
Diſtinguindo a liſonja da verdade.

XXVII.

Créde mais os conſelhos , que os louvores,
Que algum moſtra que aplaude , e ſatiriza ;
Vêde hum adulador , com que clamores
Em extaſis os verſos ſolemniza :
Tudo he divino , tudo são primores ,
Nada o offende , tudo o ſuaviza ,
Enternecido chora , alegre ſalta ,
E com vãos elogios vos exalta .

XXVIII.

Oh que a verdade ignora fingimentos ,
E hum ſabio amigo , duro , rigoroſo
Não diſpenſa os mais leves penſamentos ,
Com voſſos erros nunca foi piedoſo :
Elle colloca os verſos mais violentos
Da emphaſi ambicioſa cuidadoſo ,
Na fraſe , na Grammatica repara ,
No equivoco duvida , o termo aclara .

XXIX.

Aſſim hum verdadeiro amigo falla ,
Mas intratavel vos em rcompenſa ,
Quereis dar tom a obra , apadrinha-la,
Intereſſado na ſuppoſta offenſa :
Se huma baixa expreſsão vos aſſigna-la
Para que paſſe lhe pedis licença ;
Iſto he frio (vos diz) oh ! que he notavel
Iſto he máo . . . oh ! ſenhor que he admiravel.

XXX.

Em ſe não deſdizer vive empenhado
O neſcio Autor em contumacia féra,
E hum verſo não conſente ver riſcado,
Como ſe nelle hum titulo perdera:
A quem encontra, a firma confiado,
Que ſempre amou a critica ſevera,
Que tem nos verſos mando ſoberano,
E lhe prende a attenção com eſte enganno.

XXXI.

Depois de os recitar muito cantente
Logo hum ſimples encontra a que os refira,
Que hum neſcio Autor no ſeculo preſente
Sempre encontra outro neſcio que o admira:
Na nobreza, e no vulgo juntamente
Tem parciaes a ignorancia, em que reſpira,
E ſempre louva (a ſatyra he conſtante)
Ao ignorante algum mais ignorante.

FIM

DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO.

I.

QUAL na feſta aldeáa, bella Paſtora
De rubins ſe náo touca rutilantes,
E o ornato fragante colhe a flora,
Sem que lhe meſcle o ouro c'os diamantes:
Aſſim o humilde eſtylo que namora
Se ha de ver nos Idilios ellegantes,
E ſem hum verſo amar vangloriofo
Ha de ſer natural, e náo pompoſo.

II.

No eſtylo paſtoril o bom Poeta
Deſperte, e liſongêe com doçura;
Náo com furia pompoza, e indiſcreta
Siga do culto idioma a fraze eſcura:
Tocar em huma Egloga a trombeta,
Deixar com raiva a frauta doce, e pura,
Faz Pan fugir ás canas temeroſo
E as Ninfas bellas ao criſtal undoſo.

III.

Outro na tofca lingoa dos Paftores
Em contraria loucura a voz exprime ,
E os feus verfos groffeiros , e infriores
Perdem beijando a terra o fer fublime :
Ronfarde em inftrumentos fem primores ,
Com goticos Idilios nos oprime ,
E a Licidas , a Philis com porfia
Mudando os nomes perde a melodia.

IV.

Dificultofo entre eftes dous extremos
He o caminho de hum perfeito Idilio :
Para o achar figamos , e imitemos
O eftylo de Theocrito , e Virgilio :
Seus verfos amorofos conhecemos,
Que tem das graças o fupremo auxilio :
Lede-os fem os deixar todas as horas,
E aprendereis das Lyras mais fonoras.

V.

Nelles fe vê o humilde fem baixeza,
Flora, e Pomona, os Campos, e os Pomares ,
Do combate da frauta a doce empreza ,
Animar dous Paftores fingulares :
Mudar Narcizo , e Daphne a natureza,
Louvar de Amor os goftos , e os pezares,
E huma Ecloga faz com arte eftranha,
Talvez digna de hum Conful a campanha.

VI.

Deſte Poema ſegue a força , e graça.
Alta , mas ſem audacias , a Elegia ,
Enlutada lamenta huma diſgraça
Solto o Cabello ſobre a urna fria ,
Quando huma Dama adula , ou ameaça
Pinta do amante a pena , e a alegria ;
Mas para ſer feliz clara , e diſcreta,
Val mais ſer amoroſo , que Poeta .

VII.

Aborreço os Autores , de que a Muſa
De incendios me entretem fria , e violenta ,
A arte louca , e ſabia penas uſa ,
E em gelo amante a Poeſia oſtenta :
O affecto doce, afeitação confuſa ,
A carga das cadêas accreſcenta ,
E adorando as prizões faz enſofridos
Triſte a razão , queichoſos os ouvidos .

VIII.

Não neſte tom rediculo dictava
Cupido os finos verſos amoroſos ,
Que rendido Tibullo ſuſpirava,
Que animou os accentos harmonioſos :
Com quê o terno Ovidio ao peito dava
Da arte de amar preceitos deleitoſos ,
E porque huma Elegia ſe aſſignale
O coração ſe explique , a vôz ſe calle .

IX.

Com mais pompa, e não menos energia
Eleve a Ode ao Ceo ſeu vôo altivo,
Comercee c'os Deoſes, e a harmonia
Facilite o combate ſucceſſivo:
Dos Athletas refira com porfia
No fim do curſo o vencedor altivo
Cante, e não fique o triunfante ouzado
Com o pó da carreira disluſtrado.

X.

Leve Achilles feroz ſanguinolento
A's ribeiras do claro Simoonte,
O Eſquelda obrigue tumido, e violento,
Que de Luiz ao jugo dobre a fronte:
Tal como a Abelha em laborioſo intento,
Roube as flores da margem de huma fonte,
E pinte a Ode em varias melodias
As danças, os feſtins, e as alegrias.

XI.

Encarece o favor, que colhe o amante
Na bocca de coral de Iris formoſa,
Que reſiſtindo doce, e inconſtante,
Porque roube, recuſa caprichoſa.
Talvez a Ode altiva, e reſonante
Corre elevada, vôa impetuoſa,
E das exactas Leis rompendo a ordem,
O bello effeito d' arte he a deſordem.

XII.

Fugi de mim medroſos trovadores,
De eſpirito fleumatico impedidos ,
Que obſervais nos Poeticos furores
De ordem cançada os termos mui medidos :
De Herois cantando os feitos ſupriores
Frios hiſtoriadores desluzidos
De hum aſſunto náo ouzáo apartar-ſe ,
Nem de viſta hum momento háo de deixar-ſe.

XIII.

Mais do que Meſeray ſoube adquirir-ſe
De exacto hiſtoriador o nome raro ,
Dolle ganhada a Lille ha de ſeguir-ſe ,
E antes terá Courtrai roto o reparo :
Conta-ſe que com elles divertir-ſe
Quiz Phebo do ſeu fogo ſempre avaro ,
E para os confundir o Deos diſcreto
Inventa as Leis terriveis de hum Soneto .

XIV.

Diſpôs que em dois quartetos bem medidos
Soáſſem oito vezes dois conſoantes ,
Logo ſeus verſos deſtramente unidos
Componháo dois tercetos ellegantes :
Sem licença poetica oprimidos
Com eſte metro aflige os ignorantes ,
De hum verſo máo deſterra a inſuficiencia,
Por ſi regula o numero a cadencia .

XV.

Adornou-o com graça a mais ſuprema,
E huma vôz não permitte repetida;
Val hum Soneto hum Epico Poema,
Se ſem erro a formou vêa luzida:
Para o achar feliz, Fenis o tema,
De Autores mil a turba enfurecida
Malleville, Gombaut, Mainard ao ler-ſe
Dois, ou tres entre mil pódem ſoffrer-ſe.

XVI.

O reſto, aonde a perfeição já falta,
Deichado do Leitor menos groſſeiro
Qual Pelletier com grão volume ſalta
De caſa do impreſſor á do eſpecieiro:
A idéa que o Autor formou mais alta,
Não exprime em tais termos prizioneiro,
E encontrão quantos rithmos claro ordena
A medida, ou mui grande, ou mui pequena.

XVII.

Mais livre occupará menos eſpaço
Ornando em duas rimas hum conceito,
O Epigramma já livre do embaraço
De ter com muito equivoco defeito:
Ao Parnaſo já preſo em tanto laço
Inundou dos equivocos o effeito,
Italia os dêo, e o vulgo ſem ſocego
Seguio eſta attração ancioſo, e cégo.

XVIII.

Levou ao Madrigal eſta torrente ;
O Soneto orgulhoſo foi ferido ,
A Elegîa os buſcou mui triſtemente ,
Da Tragedia animarão o ſentido :
Na ſcena ornarão o Herôe valente ,
O amante ſuſpirou no ſeu ſonido ,
E ouve Paſtores renovando as chammas
Mais fieis aos Equivocos , que as Damas .

XIX.

Cada vôz com dois roſtos mui diverſos
Teve nos Pregadores ſanto azillo ;
Recebidos nas prozas , e nòs verſos
Do Advogado encreſparão baixo eſtylo :
Abre o diſcurſo os olhos , e os preverſos ,
Que ultrajallo intentarão , e oprimillo ,
Do coturno infamados os deſpede ;
Só no Epigramma a entrada lhes concede .

XX.

Porém ſeja de ſórte que a energîa
Deiche o vocablo , exprima o penſamento ,
Aſſim brilhou a tempo a melodia ,
E ceſſou da deſordem baixo intento :
Mas ainda conſerva a vãa porfia
Nos pedantes da Corte e humilde aſſento ;
Inſipidos Bufões , Tafuis cançados ,
No jogo do vocablo diſgraçados .

XXI.

Não prohibe eſta Lei, que a Muſa fina
Paſſando de huma vôz zombe com arte,
E do ſentido eſtranho que examina,
Póde uſar ſem exceſſo neſta parte:
Porém não vá buſcando a graça indina,
Que hum equivoco frivolo reparte,
Porque encontre afectada a louca fama
De aguçar pela cauda hum Epigramma.

XXII.

Só conſervando a propria formoſura,
São claros os Poemas, e elegantes,
He a gloza ſingella, mas he pura,
Velha a Canção tem luſtre nos conſoantes:
O Amor a ſuavidade, e a ternura,
Com vozes naturaes, mas relevantes,
Illuſtre producção de acorde Lira,
O Madrigal harmoniaco reſpira.

XXIII.

O ardor de apparecer, não de que offenda,
Das ſatyras armou pura verdade,
Lucilio uſou primeiro eſta contenda,
Vicios de Roma em hum criſtal perſuade:
Da riqueza vaidoſa a ſórte emmenda,
E da humilde virtude a adverſidade,
Honra o homem de bem, que a pé mendiga,
E o vil que anda em liteira, ſó caſtiga.

XXIV.

Mesclou Horacio a este ponto amargo
O estylo picante, e agradavel;
Não achou tólo, a quem não desse hum cargo,
Mas com satyra justa, e toleravel:
Aquelle nome que por breve, ou largo
Não alterou o metro invariavel,
Entra nos versos, mas que seja amigo,
Objecto da censura, e do castigo.

XXV.

Persio escuro nos versos, mas cerrado,
Menos afecta as vozes, que o sentido;
Entre os gritos da Classe foi criado
Juvenal mais mordaz que commedido:
Com asperas verdades venerado
Deixa o sublime estylo mais luzido,
Com excessivo hyperbole apparece,
Chêo de ardor aos olhos resplandece.

XXVI.

Sobre hum papel, que chega de Caprêa,
Rompe a adorada estatua de Sejano;
Aos Senadores com lisonja fêa
Faz correr ao conselho de hum tiranno:
Da luxuria Latina a culpa afêa
Vendendo Messalina ao vil Romano,
Que do seu nobre sangue o mais contrario
Cargas leva a seus hombros por salario.

XXVII.

Foi ſó Regnier diſcipulo engenhoſo
No modello de Meſtres tão ſcientes,
Só entre nós o eſtylo mais gracioſo
Conſerva entre os antigos accidentes:
Moſtra ao caſto Leitor não cauteloſo,
Que frequentou lugares indecentes,
Cynicos metros torpes, e atrevidos
Offendem a modeſtia dos ouvidos.

XXVIII.

No Latim ſe permitte a vôz impura
Mas no vulgar não fica diſculpada;
Só da expreſsão mais caſta a imagem pura
A liberdade vil deixa ultrajada:
Na ſatyra do eſpirito a doçura
Candida ſe acredita, e ajuſtada,
E fujo do ſatyrico á baicheza,
Que prega, ſendo impuro, da pureza,

XXIX.

Deſta ſatyra fertil, e diſcreta
A popular canção Francez maligno
Forma em vós agradavel, e indiſcreta,
Que augmenta a cada paſſo hum termo indigno.
De França a liberdade mais inquieta
Neſte jogo pueril corre ſem tino;
Mas não façais malevolo plauzivel
Aſſunto a Deos, de zombarîa horrivel.

XXX.

Jogos emfim que o Atheiſmo cria ,
Que ao alegre , que os canta triſtemente ,
Ao público caſtigo a razão guia ,
E padece na praça eſte inſolente :
Querem os tonos , arte , e melodia,
Não que o vinho , ou o vaſo os repreſente ;
Inſpirando talvez groſſeiro plectro
Diſpenſa Autor ſem genio humilde metro .

XXXI.

Mas guardai-vos q̃ os verſos com vãgloria
Vos não dêm loucos fumos , ignorante ,
Em compondo huma copla com victoria,
Se imagina Poeta ao meſmo inſtante :
Cada manhã ſeis metros na memoria,
Não dormirá ſem que hum ſoneto cante ,
E imprimindo as loucuras que deſata,
Laureado no Livro ſe retrata .

F I M

DO SEGUNDO CANTO.

CANTO TERCEIRO.

I.

NÃo ha monſtro odioſo, nem ſerpente,
Qne não poſſa agradar bem imitado;
Com pincel delicado docemente
O objecto mais horrivel faz-ſe amado:
Tal a Tragedia em prantos excellente
Da vôz da dôr de Edipo enſanguentado
Moſtra as penas de Oreſtes parricida,
Deichando o pranto, a magoa divertida.

II.

Vós, a q̃ hum nobre ardor accende o peito
Ao premio do Theatro ſempre oppoſto,
E dos pompoſos verſos ſatisfeito
Quereis que a Corte vos conſagre o goſto:
Pondo na Scena as obras ſem defeito
Vendo-ſe os ſeus primores ſem diſgoſto,
E ouvintes numeroſos ſempre uſanos
Inda as peção no fim de vinte annos.

III.

Do discurso a paixão seja animada,
Ao coração, que busca, mova, inflamme,
Que hum nobre afecto, se hum furor agrada;
Faz que hum doce terror sem medo se ame:
Se não se excita huma piedade amada,
Por mais que a Scena sabia a todos ame,
Preguiçozo de applausos o concurso
Tibio foge do frio de hum discurso:

IV.

Em vão buscais esforços da eloquencia,
Que o ouvinte cançado justamente,
Ou da critica segue a inclemencia,
Ou logo se adormece indiferente:
Agradar, e ferir he occulta sciencia,
Engenho que me prenda,o engenho invente,
E dos primeiros versos preparada
Do assunto a acção desembarace a entrada.

V.

Rio-me de hum Autor que exprime attento
O que quer, e não sabe o que me diga,
E descubrindo mal lance violento
Faz de hum divertimento huma fadiga:
Decline elle o seu nome, eu me contento,
Dizendo, eu sou Orestes, que me obriga,
Ou sou Agamemnon, tem-me aturdido
Maravilhas confusas sem sentido.

VI.

Em explicar aſſunto nunca ſe erra ;
A' Scena ſe aſſinale hum lugar certo ,
No Theatro em hum dia annos encerra
O Poeta Heſpanhol muito inexperto :
A propriedade ſem temor deſterra ,
E em pintar ſeu Herôe andando incerto ;
Já nos actos confuſo o tem moſtrado ,
Huma jornada,infante , outra barbado.

VII.

Mas nós , porque a razão ſempre domine ,
Só queremos guiar a acção co' a arte ,
E que , enchendo o Theatro , ſe termine
Huma acção em hum dia , e huma parte :
Não queirais que o incrivel ſe examine ,
Prodigio abſurdo longe ſe-me aparte ,
Se o certo veroſimil não parece,
Ao que não crê, o animo aborrece.

VIII.

A arte judicioſa aos olhos tira
Objecto que aos ouvidos offerece ;
O que não ſe ha de vêr , que ſe refira ,
E o que ſe vê, melhor ſe reconhece :
O enredo a cada Scena mais ſe admira ;
Em quanto ſe não ſolta , ſempre crece ,
E em lances apertados a hum ſecreto
Deſcubra , e moſtre ineſperado objecto.

IX.

Foi da Tragedia informe o naſcimento ,
Donde qualquer dançando ſem primores ,
A huma fertil vendima ſempre attento
Com hum ſó côro a Bacco dêo louvores :
O vinho alegre imita ao ſonorento ,
E foi hum bode o premio dos cantores ,
Theſpis guiou primeiro muitas vezes
Eſta feliz loucura tinto em fezes .

X.

Des de hum lugar a outro conduzia
Em hum carro os Actores mal ornados ,
E eſte novo eſpectaculo trazia
Aos ſimples paſſageiros enganados :
Eſchylo pôs de hum côro na harmonîa
Aos ſeus repreſentantes melhorados ,
Os borzeguins , e as maſcaras retoca ,
E em hum tablado público os colloca.

XI.

Sophocles remontando o genio illuſtre
Accreſce a pompa , augmenta a conſonancia ,
Faz que o côro na acção não ſe disluſtre ,
Pulîo dos verſos toſca diſſonancia :
Dêo-lhe entre os Gregos o divino luſtre ,
Que ſublimou ao cume da elegancia ,
A que nunca atégora tem ſubido
Dos Latinos o alento enfraquecido.

XII.

Para noſſos devotos aſcendentes,
Era o Theatro em França goſto occulto,
Tropa de Peregrinos não decentes
Teve em Pariz no público eſte indulto:
No ſeu zelo ignorantes, e imprudentes,
A Deos, e aos Santos profanando o culto
Tirou-ſe a devoção deſta imprudencia
Diſſipada a Ignorancia pela ſciencia.

XIII.

Taes ſermões ſem miſsão ſe deſterrarão,
E Hector, Ilion, e Andromaca ſe virão,
Renaſcendo as Tragedias reſtaurarão,
Da maſcara os Actores ſe deſpirão:
Os violões ao côro ſuavizarão,
Do amor ternos afectos repetirão
Theatros, e Novellas, que he pintura
Para chegar ao peito mais ſegura.

XIV.

Pintar podeis Herôes muito amoroſos,
Sem os formar Paſtores derretidos,
Como Philena, e Thirſis extremoſos
Não amão os Achilles tão rendidos:
Não exprimem caracteres famoſos,
Cyros em Artamenes convertidos,
O remorſo ao amor faz que ſe mude,
Parecendo fraqueza, e não virtude.

XV.

Dos Herôes das Novellas ás baixezas
Fugî dando aos Herôes alguma falta ;
Sem promptidáo , fervores , e ferezas ,
O modello de Achilles náo fe exalta :
Em huma afronta as lagrimas accezas
He pranto , em que feu animo fe efmalta ,
Se a arte as leves faltas pinta , e tece ,
O engenho a natureza reconhece .

XVI.

Sempre foberbo , intereffado , e féro
Agamemnon em o Theatro feja ,
Tenha Eneas aos Deofes zelo auftero ,
Que de caráćter fe conferve , e veja :
Hum feja fempre pio , outro fevero ,
Saiba os coftumes , quem faber defeja ;
Seculos , climas , e Païzes varios
Fazem fer os humores mais contrarios .

XVII.

Náo deis , como Cletîa já tem dado ,
Coftumes , e ár Francez á Italia antiga ,
E com nomes Romanos disfarçado
Faz o noffo retrato com fadiga :
Catáo galante , e Bruto afeminado
Em frivola Novella fó fe diga ,
A ficçáo de paffagem fe limite ,
Demaziado rigor náo fe permitte .

XVIII.

Guarde a Scena exacção,decencia,e ordem,
E ſe inventais, talvez, nova figura,
Comſigo os ſeus afectos não diſcordem,
E até o fim ſem ter mudança dura:
Preſumido eſcritor dá com deſordem
Aos Herões em ſi meſmo vãa pintura;
Em hum Autor Gaſcão, Gaſcões ſe igualão
E Juba, e Calprenedo em hum tom fallão.

XIX.

Mais varia, e ſabia em nós a natureza
Dêo a cada paixão vôz diferente;
A cólera ſe explica com fereza,
O abatimento falla humildemente:
A Troia em chammas d' Hecuba a triſteza
Não venha afectar prantos imprudente,
Nem deſcrever em que Paîz ferino
Sete boccas do Tanais tem o Euxino.

XX.

São de hum declamador que as vôzes ama,
De froixas expreſsões a unida pompa;
Abatei-vos na dôr que vos inflamma,
Rompei em pranto,porq̃ em pranto eu rompa:
Os grandes termos que hum Actor exclama,
Por mais que a bocca chêa elle os prerompa,
Não naſcem não, de hum coração ferido,
Da miſeria tocado, e combatido.

XXI.

He o Theatro fertil em Cenſores ,
E para produzir he campo eſtreito ,
Com trabalho conquiſtão os Autores :
Silva-ſe logo ao minimo defeito :
Tratão-no de ignorante os infriores ,
Que lhe comprão na entrada eſte direito ,
E ſe quiz agradar eem formas teve ,
Precizo he que ſe abata , e que ſe eleve .

XXII.

Se em nobre ſentimento não ſe humilha ,
Se deſperta nos tiros admiravel ,
Corre de maravilha em maravilha ,
Claro , profundo , ſolido agradavel :
O que diz , na memoria logo brilha ,
Deixando huma lembrança perduravel ;
Deſta ſórte a Tragedia ſe publîca
Aſſim obra , aſſim corre , aſſim ſe explîca .

XXIII.

Mais elevada a Epica Poeſia
Na vaſta narração de acção difuza ,
Vive em ficções , de Fabulas ſe fia
Arte feliz que nos encantos uſa ;
Alma , eſpirito , corpo , e roſto cria
Deidades das verdades faz a Muſa ,
He Venus a Belliza ſempre grata ,
Em Minerva a prudencia ſe retrata .

XXIV.

Aos trovões não produzem os vapores,
He Jupiter armado contra o Mundo,
Aos marinheiros naufragos terrores,
He Neptuno nas ondas furibundo;
No ár não ſôa o Ecco, são clamores
De huma Ninfa, que chora em mal profundo
Quixoſa de Narciſo, a que interpreta
Com mil ficções, e inventos o Poeta.

XXV.

Tudo orna, illuſtra, eleva, e engrandece,
E ſempre as flores acha preparadas,
Que as Náos de Eneas, quando o vento crece,
Sejão nas praias d' Africa lançadas;
He hum ſucceſſo em que a Fortuna tece
As ſuas inconſtancias coſtumadas,
Ordinario, e commum entre ſeus giros,
E huns golpes, pouco eſtranhos aos ſeus tiros.

XXVI.

Porém que Juno em ſeu rigor conſtante
Perſiga os reſtos de Illio deſtroçados,
Que Eolo em ſeu favor abra, e quebrante
Prizões de Eolia aos ventos rebellados;
E lançando de Italia ao povo errante,
Só Neptuno nos mares alterados
Colerico ſe eleva ſobre os mares,
Impondo calma ás ondas, paz aos mares.

XXVII.

Os baixeis fluctuantes assegura ,
E os arranca das syrtes perigosas ;
Assim a Musa admira , atrahe , apura
Occupa , e fere em vozes numerosas :
Sem este ornato humilha , e desfigura,
Extingue , e perde forças vigorosas ,
O Poeta orador que se intimida
Frio escritor de fabula abatida .

XXVIII.

Que enganados estáo nossos Poetas
Tirando estes adornos recebidos !
Fazem a Deos , aos Santos , e aos Profetas ,
Como os Deoses da fabula nascidos :
Autor , tu , que ignorante os interpretas
Com Belzebû com Lucifer unidos ,
E Astarot o seu genio em triste laço
Lança o Leitor no inferno a cada passo .

XXIX.

Da Fé Christá os fundamentos serios ,
Náo recebem as flores da eloquencia ,
O Evangelho só mostra em seus Misterios
A pena merecida , a penitencia ;
Dás nas ficçócs com torpes vituperios
A's verdades de fabula a apparencia ,
Nem pio has de ficar , nem agradavel
Com esta miscellanea táo culpavel .

XXX.

Que objecto ! como ver hir (grande excesso!)
Sempre o Demonio contra os Ceos bramindo,
Do Herôe opposto ao celebre processo
As victorias com Deos estar medindo ;
Dirão que o fez bem Tasso ; o seu progresso
Eu não estou agora discutindo ,
Publica-lhe este seculo alta gloria ,
Porque a Italia illustra sua memoria.

XXXI.

Mas isto não seria, se empenhado ,
E posto em oração o Herôe prudente ,
Em deixar Satanaz arrezoado
Consumisse o seu tempo tristemente :
E o seu assunto não tivera agrado ,
Se o não fizera alegre , e excellente
Tancredo de Clorinda fino amante ,
E o valente Reinaldo , e o fero Argante.

XXXII.

Não louvo em pio assunto as vãas figuras
De hum Autor louco idolatra gentio ;
Em profana alegria das pinturas
A's fabulas fugir he desvario :
Não tirem os Tritões das aguas puras,
A flauta a Pan , á Parca o ferro impio,
Nem de Acheronte empeça a fatal barca ,
Onde passa ó Pastor com o Monarca.

XXXIII.

Deſte eſcrupulo vão, louca imprudencia,
Nunca o agrado ſem agrado alcança;
Não quererão pintar logo a Prudencia,
Nem dar a Temis venda, nem balança.
Da teſta de metal forte apparencia
Hão de tirar á Guerra, e na mudança,
Que o Tempo faz, quando aos mortais aviſa,
O Relogio na mão, que o ſimboliza.

XXXIV.

Se o falſo zelo como idolatria
A Allegoria deſterrar intenta,
Louvem embora a ignorancia pia,
Porque o ſeu vão terror mais nos alenta:
Dos ridiculos ſonhos a porfia
Ao verdadeiro Deos, Deos falſo inventa,
Em fabulas nos dão nomes diverſos
Felizes, e naſcidos para os verſos.

XXXV.

Agamemnon, Uliſſes, Heitor forte
Helena, Menelão, Paris, Eneas,
Idumenêo, e Oreſtes deſta ſorte
Enchem de mil agrados as idéas:
E ſem que o nome humilde te reporte
O' Poeta ignorante, tu te afeas,
Todo hum Poema barbaro deixando,
Quando por Herôe buſcas Childebrando.

XXXVI.

Se quereis divertir ſempre ditoſo,
Eſcolhei hum Herôe, que me intereſſe,
Raro em virtudes, em valor famoſo,
Que até nos ſeus deffeitos ſe engrandece:
Nas inſignes acções digno, e glorioſo,
Qual Ceſar, Alexandre, ou Luiz parece;
Não como o Irmão traidor á Polynice,
Porque hum Herôe vulgar nunca he felice.

XXXVII.

Hum aſſunto mui chêo de incidentes
Nunca eſcolhais, que ſe o tratais com arte,
Achilles com impulſos mais ardentes
Materia a toda a Illiada reparte:
Da abundancia empobrecem as torrentes,
Rica, e pompoſa a deſcripção ſe aparte,
A que o metro a elegancia oſtenta activa,
E ſeja a narração cerrada, e viva.

XXXVIII.

Não pondereis humilde circunſtancia,
Como eſſe louco em termos tão vulgares
Pintou o Hebrêo já livre da arrogancia
Dos Tyranos, vagando ſobre os mares:
Das mal abertas ondas na inconſtancia
Pôs á janella os peiches a milhares,
Por ver paſſar o infante, que os admira,
Que a hum tempo corre, ſalta, e ſe retira.

XXXIX.

Alegre logo á Mãi dêo hum ſeixinho,
E a viſta prende neſtes váos objectos;
Tenha a obra medido o ſeu caminho,
Não ſejão afectados os afectos:
Hides ſobre o Pegázo aos Ceos viſinho
Gritar contra o Leitor (fortes projectos!)
Com a vôz de trovão canto os louvores
De quem vencêo do Mundo os vencedores?

XL.

Mas depois que os clamores deſentranha,
Que produz eſte Autor tanto apparato?
He o famoſo parto da montanha,
Que depois de temer-ſe, ſahe hum rato:
Sem fazer-nos promeſſa tão eſtranha,
Amo daquelle Autor o nobre ornato,
Que de hum tom facil, doce, e ſonoroſo
Aſſim ſe exalta claro, harmonioſo.

XLI.

As armas, diz, e o Varão pio eu canto,
Que ſendo para Auzonia conduzido
Das praias Phrygias, a que banha o Xanto,
O primeiro a Lavinia, foi trazido:
Para dar muito, não promette tanto
O ardor da ſua Muſa remittido,
Logo aos Latinos prodigo, e divino
Oraculos decreta o ſeu deſtino.

XLII.

Da Eſtigia as aguas fetidas, e impuras
De Acheronte as torrentes diſſonantes,
E em clara variedade das pinturas
Nos Eliſios os Ceſares errantes:
Alegrem ao Poema eſtas figuras
Para os olhos imagens relevantes,
A pompa com o agrado não ſe opprime,
E não he ſer pezado o ſer ſublime.

XLIII.

Mais as comicas fabulas de Arioſto
Amo, que as Muſas funebres, e frias,
Que crem que ao triſte humor derão diſgoſto
Se as Graças lhe inſpiraſſem alegrias:
Que o Cingulo de Venus tinha poſto,
Julga quem vê d' Homero as melodias,
E que da natureza encaminhado,
Só para deleitar o tem roubado.

XLIV.

O ſeu Livro he de agrados hum theſouro,
E a quanto trata nova graça anima,
Tudo o que toca, ſe converte em ouro,
Sempre diverte ſem que nunca oprima:
Em largos epizodios com deſdouro
Nunca ſe perde; ardor feliz ſublima,
Os ſeus diſcurſos, donde em ſons diverſos
Foge a ordem methodica dos verſos.

XLV.

A ſi meſmo ſe explica, a ſi ſe ordena,
O ſeu aſſunto, e facil ſe prepara;
Sem prevenções inuteis corre a pena,
Hum verſo, hum termo para o fim ſe aclara:
Quem com amor ſincero o não condemna,
Acha no agrado utilidade rara;
Hum Poema excellente, e bem ſeguido
Nunca foi do capricho produzido.

XLVI.

Quer attenção, quer tempo, e quer cuidado
Eſta idéa dificil, e penoſa,
Não he de hum aprendiz eſte traslado,
E a hum Poeta ſem arte infructuoſa:
Algum houve entre nós que confiado
Na chamma, que talvez ſubio furioſa,
Porque a chimera em vão orgulho alente,
Toma a trombeta heroica ouzadamente.

XKVII.

Mal regulada a Muſa, vago o metro,
Em deſcompoſtos ſaltos ſó ſe eleva,
Sem lição, nem juizo rudo o pletro ·
Falta ao fogo a materia em que ſe ceva:
Nega-lhe o Mundo da Poeſia o Sceptro,
Quer que o merito falſo não ſe atreva,
Mas contra o duro genio não baſtarão,
Que ronba o culto, que outros lhe negarão:

XLVIII.

De Virgilio os inventos atropella,
Na ficção nobre não entende Homero;
Se contra este decreto se rebella
Ao seculo condemna iniquo, e fero:
Para a posteridade logo appella,
E estão porque o juizo mais sincero
A' luz dê, os seus livros estimados
N'um armazem sem luz amontoados;

XLIX.

A traça, o pó combatem tristemente;
Mas em repouso no seu tosco abrigo,
Eu os deicho esgrimir mui livremente,
Ao meu assunto sem perder-me sigo:
Do tragico espectaculo excellente
Nascêo de Athenas no Theatro antigo
O primeiro modello da comedia
Entre o feliz successo da Tragedia.

L.

O Grego zombador por natureza
Foi com plauziveis jogos destillando
Dos malevolos golpes a fereza,
Com insolente accesso envenenando:
Sciencia, entendimento, honra despreza;
E na indigna alegria interessando
A mofa de infeliz merecimento
De hum Poeta se vio publico augmento.

LI.

Em hum côro das nuvens maltratado
Os clamores tirou do vil concurſo ;
Mas vem Socrates, ſabio Magiſtrado
Parar emfim da liberdade o curſo :
Dos edictos das Leis auxiliado
Fez ſabio dos Poetas o diſcurſo,
Os roſtos prohibio ſe aſſignalaſſem ,
E os nomes ordenou , que ſe calaſſem .

LII.

O Theatro perdêo a antiga furia ,
Sem veneno , e ſem fel inſtrûe , emenda ,
Deicha alegre a Comedia a amarga injuria ,
Sem que Menandro no ſeu metro offenda :
Ri o avaro o primeiro da penuria ,
Sem que á ſua cópia em hum avaro attenda,
Finalmente pintado hum inſenſato
Deſconhece elle meſmo o ſeu retrato .

LIII.

A quem pintou com arte o novo eſpelho ,
Vio-ſe a ſi meſmo , e crêo que ſe não via ,
Autores , que eſtudeis vos aconſelho
Da natureza a comica Poeſia :
Quem com profundo eſpirito , e conſelho
Fizer dos corações anatomia ,
E conhecer o homem até onde
Seus occultos miſterios nos eſconde ;

LIV.

Quem conhecer o prodigo , o avaro ,
O tólo , o bom , o vario , o viciofo ,
Lhe dê vida , alma , e vôz , e fem reparo
Na fcena o póde pôr com fim ditofo :
Seja o retrato natural , e claro,
Com as côres mais vivas , mais luftrofo ,
A natureza eftranhas cópias fórma ,
E com varios fignaes d' alma as infórma .

LV.

Hum nada a moftra , vê-fe nos femblantes,
Mas nem todos os olhos o conhecem ,
E do tempo as mudanças inconftantes
Mefmo em noffos humores apparecem :
Nas paixões, nos coftumes fluctuantes
De cada idade os goftos prevalecem ,
Hum moço ardente em livres exercicios
Pronto recebe as imprefsões dos vicios .

LVI.

Vão nos difcurfos , nos defejos leve ,
Louco nos goftos , rigido á cenfura,
Hum ár mais fabio infpira , a quem fó deve
A idade varonil o fer madura :
A adiantar fe na Corte ella fe atreve ,
Junto aos Grandes politica fe apura ,
Sabe a Fortuna refiftir prudente ,
Vê ao longe o futuro no prefente .

LVII.

Trifte a velhice ajunta com cuidado
Tantos thefouros, que par' outro guarda ;
Chora o prefente, e louva o já paffado,
Anda nos feus defignos fria, e tarda :
Condemna inhabil deliciofo agrado
Aos moços, porque a idade fe acovarda ;
Que os Actores vejais, vos aconfelho,
Não fale o velho em moço, e o moço em velho.

LVIII.

Vêde a Cidade, e eftudai na Corte,
Porque huma, e outra he fertil em modellos,
Eftudou feus efcritos defta fórte
Molliere em feus cómicos difvellos :
Mais que em doutas pinturas fabio exhorte,
O premio não terá fem paralellos,
Porque amigo do Povo nas pinturas
Dêo rediculas fórmas ás figuras.

LIX.

Deixou por fer bufão o agrado fino,
Tabarino a Terencio unio fem pejo,
No rediculo facco de Scapino
O Autor do Mifantropo já não vejo :
Ais, e prantos no cómico abomino,
Nelle as tragicas penas não defejo,
Porém em dar na praça não fe funda
Rifo ao Povo com baixa fraze immunda :

LX.

Os Actores divirtão nobremente ,
O enredo se desate sem porfia ,
Guie a razão a acção porque se alente ,
E a não faça perder scena vazîa :
O estylo humilde , e doce no eminente
Eleve dos conceitos a harmonia ,
E com finas paixões bem exprimidas ,
As scenas entre si sejão unidas .

LXI.

Não gracejeis á custa da prudencia ,
Da natureza não deixeis o objecto ,
De hum filho amante estranha a imprudencia
Hum Pai,a que Terencio faz mui recto :
O amante ouve as lições com impaciencia
Busca a Dama , e lhe lembra só o afecto ,
Não he retrato imagem similhante ,
He verdadeiro Pai , Filho , e Amante .

LXII.

No Theatro hum Autor sempre agradavel
Sem que se infamar aos olhos do auditorio ,
Sem se oppôr á razão, faz-se estimavel ,
Foge ao grosseiro equivoco notorio :
Mas se diverte immundo , intoleravel ,
Em hum trabalho vil seja accessorio ,
Dos lacaios em mascaras unidos
Com frias ignorancias divertidos .

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CANTO QUARTO.

I.

VIVEO (ſe conta) hum Medico em Florença
Grão fallador, e celebre aſſaſſino,
Nelle a miſeria pública he immenſa,
Pede-lhe o morto Pai o Orfão menino:
Chora hum Irmão a outro, e que a doença
Lamenta mais o toſſigo malino,
A quem catarrho tem, pleuriz inſpira,
Sem ſangue hum morre, outro com ſene eſpira.

II.

Toda a enxaqueca frenezim fazia,
A Corte deixa emfim abominado,
Dos ſeus amigos mortos hum vivia
Abbade rico ás obras inclinado:
Levou-o á grande caſa, em que aſſiſtia,
De Architectúra ſempre infactuado,
E o Medico fallando no edificio
Parece Profeſſor deſte exercicio.

III.

De hum ſalão que levanta emenda a forma,
Signala outro lugar á eſcura entrada ,
A eſcada aprova , os lanços lhe refôrma ,
E acha o amigo a obra bem traçada :
Chama o Meſtre,que chega, e que ſe infôrma,
Aprova a nova planta delineada ;
Della aprende a igualar os ſeus extremos ,
Mas tão plauzivel caſo abbreviemos .

IV.

Logo renunciou a arte inhumana
Eſte aſſaſſino , e já com outro objecto ,
De Galeno a Sciencia não o engana ,
Fica o Medico máo , bom Architecto :
Des de então que feliz ſe deſengana,
Da eſquadrîa une á regra o termo recto ,
Neſte exemplo nos dá muito evidente
Hum preceito mui util , e excellente .

V.

Se o voſſo genio fôr , ſêde pedreiro,
Bom official de huma arte proveitoſa ;
Ha varios gráos nas artes , e o primeiro
Se perde ſem infamia injurioſa .
Mas na terrivel arte , eu vos requeiro ,
O' vulgar eſcriptor de verſo , ou proſa ,
Que a deixeis ; pois não ha na conſonancia
Do mediocre ao infimo diſtancia .

VI.

A Poesia não ſofre Autor mediano ,
Fazem medo ſeus verſos aos Leitores ,
Das logeas dos livreiros he tirano ,
Do papel os ſeus verſos são terrores :
Talvez faz rir hum louco ſempre ufano ,
Mas ſempre enfadão frigidos Autores ;
Bergerac zomba , e tem muita ouzadia,
Não Motin que ſe géla , e nos resfria .

VII.

Não vos ceguem louvores liſongeiros ,
Que vãos admiradores vos tributão ,
Que vos applaudem promptos os primeiros ,
No congreſſo em que attentos vos eſcutão :
Metros , que ouvidos não ſerão groſſeiros ,
Os olhos penetrantes os refutão ;
Viſtos a melhor luz depois de impreſſos
Sei de muitos os tragicos ſucceſſos .

VIII.

Gombaut que foi nos verſos tão louvado
Em caſa do livreiro ſe conſerva ,
Conſultai , e ouvi todos com cuidado ,
Talvez hnm ignorante hum erro obſerva :
Mas ſe Apollo algum dia tem moſtrado,
Que altas inſpirações vos não reſerva ,
Não corrais com intentos tão perverſos
A recitar a todos voſſos verſos .

IX.

Náo imiteis a furia d' hum Poeta ,
Que harmoniofo Leitor de váos efcritos ,
A quantos pafsáo, logo lhe interpreta,
A turba de feus verfos infinitos :
A Mufa aos que lhe falláo indifcreta
As obras lê , e quando alguns aflitos
Bufcáo hum Templo de Anjos refpeitado,
Náo lhe ferve de azilo efte fagrado .

X.

Já vo-lo repetî ; fêde á cenfura ,
E á razáo docil ; emmendai fem pena ,
Mas náo cedais a hum tôlo, que procura
Confundir-vos , e tudo vos condemna :
De hum futil ignorante a altivez dura
Hum Poema combate , e defordena
Com injuftos difgoftos, com que oprime
Dos verfos a oufadîa mais fublime .

XI.

Refutai dos difcurfos a vaidade ,
Que elle fe agrada do feu váo juizo ,
E da fraca razáo fem claridade
Lince fe julga , e céga de improvifo :
Temei de feu confelho a falfidade ,
Que fe o feguiz, he certo o prejuizo ,
Que talvez por fugir de algum rochedo,
Se converte em naufragio o que era medo .

XII.

Bufcai util cenfor, e bem fundado,
Que a razão guîe, e que a fciencia aclare,
E com lapis feguro, e apurado
O lugar que occultais, ache, e repare:
Do efcrupulofo engenho acovardado
As ridiculas duvidas declare,
E o divino furor que fe dilata,
E o vigorofo efpirito arrebata.

XIII.

Moftrará, fe o engenho da carreira
Se aparta, e rompe as leis mais rigorofas,
E donde a arte da prizão groffeira,
Paffa os confins com forças vigorofas:
Mas hum cenfor com luz tão verdadeira
He raro, e com Poefias mui famofas
Algum fe diftinguio, e com engano
Não diftiguio Virgilio de Lucano.

XIV.

Se às minhas inftrucções ouvîs attentos,
Vereis as ficções ricas eftimadas,
Fertil a Mufa em fabios documentos,
Faz as verdades fólidas amadas:
Plauziveis, e uteis os divertimentos
São dos fabios Leitores defprezadas,
As vãas futilidades que enganando
Não fabem divertir aproveitando.

XV.

Quem nos coſtumes, e nas obras pinta
'Alma, que em nobre imagem ſempre inflama;
Foge do Autor, que com danoſa tinta,
He á honra traidor em metro infame:
Quando a virtude no papel deſpinta,
Faz cruel que o Leitor os vicios ame;
Não ſou porém dos triſtes genios duros,
Que amor querem tirar dos verſos puros.

XVI.

Do ſeu mais rico adorno brinca a ſcena,
Quem tão auſtero eſta paixão limita,
Faz veneno a Rodrigo, e a Ximena,
E a mais fina paixão deſacredita:
Se impuro amor deſcreve pura a pena,
Nunca laſcivo afecto em nós excita,
O agrado Dido oſtenta, e chora tanto,
Que eu culpo a falta, e me magôa o pranto:

XVII.

Nunca hum Autor com innocentes verſos,
Se os ſentidos deleita, o peito offende,
Nem o fogo em ardores tão perverſos,
No coração com chamma indigna prende:
Tende á virtude afectos não diverſos,
Porque quando a voſſa alma a não comprende
Emvão ſobem do eſpirito as grandezas,
Que o coração ao metro dêo baixezas.

XVIII.

Fugî , fugî de emulações indignas ,
Que nada offende ao eſcriptor ſublime ,
De genios vís loucuras tão ferinas ,
Vicio he vulgar que a medianîa opprime :
Competidora triſte ás luzes dignas
Com que o merecimento ſe redime ,
E para levantar-ſe , e humilhá-lo
Quer em caſa dos grandes malquiſtá-lo .

XIX.

Nunca queirais buſcar com baixos meios
A honra por caminhos vergonhoſos ,
E não ſejão dos verſos os enleios
Eterno emprego aos animos famoſos :
Cultivai os amigos ſem receios ;
Tende fé, porque aos homens generoſos
He pouco ſem nos livros ter agrados
Se não ſabem viver , nem ſer tratados .

XX.

Mais que o vil intereſſe ſeja a gloria
Objecto digno de hum trabalho illuſtre ,
Póde fazer ſem mancha da memoria ,
Que o tributo legitimo o não fruſtre :
Mas não ſofro os Autores, que em notoria
Fome avâra não vem da gloria o luſtre ;
Ao ganho de hum livreiro Apollo trazem ;
E mercantil á divina arte fazem .

XXI.

Antes do que a razão rompeſſe em vozes,
Que inſtruindo aos humanos Leis moſtrarão,
Eſpalhados groſſeiros, e velozes
Os homens pelos boſques já paſtarão;
As mortes, e os delictos mais atrozes
Sem o temor das Leis ſe executarão,
Seguindo a natural ferocidade,
Era a força direito em equidade.

XXII.

Mas do diſcurſo a provida harmonîa
Pôde domeſticar coſtumes duros,
Tirou do campo os homens com porfia,
E nas Cidades os cerrou com muros:
Do ſupplicio a Inſolencia já tremia;
Dão a fraca innocencia as Leis ſeguros;
Deſta ordem effeitos tão diverſos
Os frutos forão dos primeiros verſos.

XXIII.

Daqui naſcêo a fama recebida, (cia
Que a vôz de Orpheo enchêo montes de Thra-
Ficava a fome aos tigres abatida,
Deſpojando-ſe aſſim da féra audacia:
Que qualquer pedra de Amphion ferida
Seguia aos ſeus accentos a eficacia,
Muros formando a Thebas, porque obraſſe
Milagres a harmonîa apenas naſce.

XXIV.

Depois o Ceo em verſos ſe explicava
Nos Oraculos, donde commovido
D' horror divino o Sacerdote dava
Furor de Apollo em verſos exprimido :
Logo antigos Herôes reſſuſcitava
Homêro em acções grandes influido,
O animo incita Heziodo , procura
Dos preguiçoſos campos a cultura.

XXV.

Em mil eſcritos grandes , e famoſos
A ſciencia ſe vio delineada ,
E foi ſó pelos metros ſonoroſos
Aos ruſticos mortais communicada :
Do animo ſeus preceitos victorioſos ,
Tem pelo ouvido aos corações entrada ;
Venerada por tantos beneficios
Fez Grecia ás Muſas juſtos ſacrificios.

XXVI.

Teve a Poeſia dos mortaes o culto ,
Que á ſua gloria erigem muitas aras ,
Mas a penuria emfim trouxe o inſulto
Com que o Parnaſo eſquece as glorias claras;
Vil intereſſe infecta em damno occulto
Com mentiras groſſeiras obras raras ,
E de frivolos verſos no concurſo ,
Vende os termos , contrata co' o diſcurſo :

XXVII.

Não vos deslustre hum vicio, que vos céga,
Se com violencia vos atrahe o ouro,
Fugî dos campos que o Permesso rega,
Não lhe achareis nas margens hum thesouro:
Aos mais sabios Autores Phebo entrega,
E aos maiores guerreiros nome, e louro,
Mas da faminta Musa eu bem presumo,
Que subsistir não póde só com fumo.

XXVIII.

Hum Autor, que apertado pela fome
Lhe gritão as entranhas palpitantes,
Pela noite em jejum sem gosto come
De Heliconia os passêos elegantes:
A sede alegre Horacio já consome,
Quando se lhe descobrem as Bacchantes,
Não como Colletet teme indiscreto
Para juntar o effeito de hum Soneto.

XXIX.

Entre nós se não teme esta disgraça,
Que hoje ao Parnaso raramente afflige;
E que perigo ás Artes ameaça
Tendo hum Astro benigno que as erige:
Cede ao merecimento a sórte escaça,
E hum Principe, que provido as dirige
(Musas) dêo aos alumnos tanta gloria;
Vence a vossa doutrina esta memoria.

XXX.

Corneille o louve, inflamme o plectro ouzado,
Do Cid, e Horacio inda o Corneille ſeja
Racine, que milagres tem formado,
Dos ſeus Herôes retrato nelle veja:
Pelas vôzes das Damas bem cantado
O ſeu nome diverte, e ſe deſeja
Por Benſerad encommendado á Lira;
Em Eclogas Segrais o campo admira.

XXXI.

Nelle apura agudezas o Epigramma,
Mas como em outra Eneida Autor ditoſo
Guiará eſte Alcides que o inflamma,
Té ás margens do Rheno temoroſo:
Que ſabio plectro ao ecco deſta fama
Rochedos, boſques moverá glorioſo,
E Hollanda contará que ao ſoçobrar-ſe
Para não naufragar, quiz affogar-ſe.

XXXII.

Os batalhões, dirá, que ſubmergidos
Em Maſtrik aos aſſaltos horróroſos
Com os raios do Sol forão luzidos,
Mas nova gloria ha já, vates famoſos:
Nos Alpes com progreſſos nunca ouvidos
Salins, e Dolle cedem receoſos,
Bezançon inda em fumo ſupultada
Se deviſa na rocha fulminada.

XXXIII.

Para ſe oppôr a rapida torrente
Do pronto vencedor, as inimigas
Forças aonde eſtão tudo ſe auſente,
Com os grandes guerreiros fataes ligas:
Querem deter fugindo o peito ardente,
E he vergonhoſo premio das fadigas,
A fera preſumpção, com que cuidarão,
Que o perigo, a que fogem, evitarão.

XXXIV.

O' quantos baluartes ſe abaterão,
Quantas fortes Cidades ſe ganharão,
Quantos frutos de gloria ſe colherão,
E todos prontamente ſe alcançarão:
Já vejo que aos ardores ſe accenderão
Autores, que eſte Herôe dignos cantarão,
E com razão, que para os ſeus louvores
Não ſervem moderados os furores.

XXXV.

Eu que tendo o ſatyrico exercicio,
Tocar não ouzo a lyra, e a trombeta,
Verme-heis no campo illuſtre em claro officio;
Que a vôz, e a viſta anima, e interpreta.
Dar-vos-hei as lições, que ao beneficio
Da Muſa juvenil d'Horacio Athleta
No Parnaſo alcancei, e a vôz ardente,
O eſpirito eſtimule, a chamma augmente.

XXXVI.

De longe eu moſtro o premio , e a corôa ,
Mas quando chêo eſtou de juſto zelo ,
Vejo a voſſa razão que me perdôa
Se os voſſos paſſos cuidadoſo velo :
Se em máos Autores hum deffeito ſôa ,
Em apurar o ouro me diſvelo ,
Talvez util Cenſor , talvez cançado ,
Mais do que ſabio Autor , critico ouzado.

F I M

DO QUARTO CANTO.

RESPOSTA DE BOILEAU AO EXCELLENTISSIMO CONDE DA ERICEIRA, NA OCCASIAÕ DE LHE ENVIAR ESTA SUA TRADUCÇAÕ.

MEU SENHOR.

AInda que as minhas obras tenhão feito algum estrondo no Mundo, nem por isso concebo huma opinião muito avantajada do meu merecimento; e se os louvores que me dão, me tem assás lisongeado, não puderão comtudo cegarme. Mas confesso que a traducção que Vossa Excellencia se dignou fazer da minha Arte Poetica, e os Elogios de que ma envia acompanhada, me encherão de hum verdadeiro orgulho. Não pude logo terme em conta de hum homem ordinario, vendo-me tão extraordinariamente honrado, e julguei, que ter hum traductor da capacidade, e elevação Vossa Excellencia era para mim hum

hum titulo de merecimento, que me diſtinguia de todos os Eſcriptores do noſſo ſeculo. Tenho hum conhecimento imperfeitiſſimo da Lingua Portugueza, e della não fiz eſtudo algum particular. Iſſo não obſtante, entendi a traducção, de Voſſa Excellencia quanto baſtou para nella me admirar a mim meſmo, e para me achar muito mais habil eſcriptor em Portuguez do que em Francez. E com effeito vós enriqueceis todos os meus penſamentos exprimindo-os. Tudo o que manejais, ſe muda em oiro, e os meſmos ſeixos, para aſſim dizer, nas voſſas mãos ſe tornão em pedras precioſas. Julgai Senhor, por iſſo, ſe deveis exigir de mim, que vos note os lugares em que poderieis tervos apartado do meu ſentido. Quando em lugar dos meus penſamentos, vos ſem o cuidar, me ſubſtituiſſeis algum dos voſſos, bem longe de os fazer tirar, eu me aproveitaria do voſſo deſcuido, e os adoptaria logo para me fazer honra: mas em parte nenhuma me dais eſta occaſião. Tudo he igualmente juſto exacto, e fiel na voſſa traducção; e bem que nella me aformozeaſſeis, não deixo de ahi meſmo me reconhecer em toda a parte. Não digais pois, ſenhor, que receais não me haver entendido: dizei-me antes o que fizeſteis para entenderme tão bem, e para perceber na minha obra, até as delicadezas que eu julgava, que não podia ſentir ſenão aquelle que naſceſſe em França, e foſſe educado na Corte de Luiz o Grande. Por tanto eu vejo,

que

que não ſois eſtrangeiro em Paîz algum, e que pela extenção dos voſſos conhecimentos ſois de todas as Cortes, e de todas as Nações. A Carta, e os Verſos Francezes que me fizeſtes a honra de eſcrever-me, são huma boa prova diſto: nelles ſe não vê coiza alguma eſtrangeira, ſenão o voſſo nome, e não ha homem de bom goſto em França, que não quizeſſe ter ſido o ſeu Autor. Eu os moſtrei a muitos dos noſſos melhores Eſcriptores: não ficou hum ſó, que não ficaſſe extremamente admirado, e que me não deſſe a entender, que ſe recebeſſe de vós ſimilhantes louvores, vos teria já reſcripto volumes de verſos. Que penſareis pois, vendo que me contento com reſponder-lhes por huma ſimples carta de comprimento! Não me accuſareis de ſer ingrato, ou groſſeiro? Não, ſenhor, eu não ſou nem huma, nem outra coiza, mas eu não faço verſos, nem meſmo proza, quando quero. Apollo he para mim hum Deos extravagante, que me não dá como a vós, audiencia a todas as horas. He-me neceſſario eſperar momentos favoraveis. Cuidarei de os aproveitar logo que os achar, e me julgarei infeliz, ſe morrer ſem vos pagar parte dos voſſos Elogios. O que poſſo deſde já dizer vos he, que na primeira Edição das minhas obras não deixarei de ingerir-lhe a voſſa traducção, e que não perderei occaſião alguma de fazer ſaber a toda a terra, que das extremidades do noſſo continente, e de

tão

tão longe, como as columnas de Hercules, me viérão os louvores de que eu mais me lisongêo, e a obra que mais me honra. Eu sou com o maior respeito

De V. Excellencia

Muito humilde, e muito obediente Servo.

DESPREAUX.

INDICE

DAS MATERIAS

QUE CONTEM ESTE CADERNO.

VINTEQUATRO Sonetos a varios assuntos,
Huma Cançoneta à Immaculada Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora.
Hum Dithyrambo.
Quartetos no Dia dos annos do Illustr. e Excellentiss. Sr. D. Antonio de Castello-Branco
Duas Cartas de Lereno a Arminda, que dão as Leis para os versos pequenos, e os grandes.
Huma Traducção da Arte Poetica de Boileau Despreaux, pelo Excellentissimo Conde da Ericeira.
Huma Carta de agradecimento do Autor a seu Excellentissimo Tradu-ctor.

Foi taixado este Livro em papel a trezentos e vinte reis; Meza 27 de Maio de 1793.

Com tres Rúbricas.